

PIERRE FATUMBI VERGER E SUA OBRA

*Angela Lühning**

Pierre Fatumbi Verger, francês de nascimento (4/11/1902, Paris), baiano por opção e africano por paixão, chegou, em 1946, a Salvador, escolhendo, a partir daquela data, a cidade como a sua nova residência e morando aqui até a sua morte (11/2/1996). Chegou como fotógrafo e, aos poucos, transformou-se em um observador etnográfico, antropólogo, historiador e botânico, além de desenvolver muitas outras faculdades. Sem dúvida, ele foi um dos grandes pesquisadores da cultura e religião afro-brasileiras e deixou uma vasta obra, resultado de suas inúmeras pesquisas. É esta obra que se pretende apresentar neste texto, incluindo informações biográficas que permitem entender, a partir da personalidade e vida deste homem singular, além da obra em si, o caminho pelo qual a realizou.

Apesar de existir uma lista extensa com publicações de Verger, organizada por ele mesmo, ao estudá-la, tornou-se necessário confirmar a existência de todo o material mencionado no acervo da sua biblioteca, hoje biblioteca da Fundação Pierre Verger (FPV). Foi fácil juntar os cerca de 30 livros,¹ incluindo as obras fotográficas, além dos textos publicados como capítulos de livros, em coletâneas, anais e revistas. Logo apresentou-se o primeiro obstáculo: os textos de Verger foram publicados em diversas línguas e inúmeros países da África, Europa e das Américas, às vezes dificultando o acesso. Havia também comunicações apresentadas em congressos e seminários, especialmente no tempo em que vivera na África. Essas comunicações muitas vezes cons-

* Professora da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia e diretora de projetos da Fundação Pierre Verger (FPV).

¹ Foi utilizada a expressão 'cerca de' porque o número exato de livros depende da inclusão ou não inclusão de vários livros coletivos com fotos de diversos outros fotógrafos, além de Verger. (Ver também nota 8.)

tavam da lista de Verger, sem que se tivesse a certeza de que posteriormente houvessem sido publicadas. Abrindo cada pasta do seu imenso acervo pessoal, ainda não classificado e organizado, à procura de manuscritos, textos xerocopiados de publicações, separatas e outros, aos poucos se completou a nossa lista, tal qual um mosaico. Apesar de todos os esforços empreendidos até agora, ficaram ainda algumas terras incógnitas no mapa da obra de Verger que talvez, posteriormente, possam vir a ser conhecidas. Uma das expectativas deste modesto texto, apenas um primeiro passo para uma abordagem mais completa de sua obra e vida, é justamente abrir espaço para uma troca de informações.²

Verger: uma vida em muitos planos

A maioria das pessoas que conheceu Pierre Verger lembra-se imediatamente de suas atividades como fotógrafo, tendo percorrido inúmeros países, a partir de 1932, e publicado uma boa parte das suas fotos em livros que se tornaram clássicos da antropologia visual. Outros conhecem as publicações com as quais ele entra no mundo acadêmico, inclusive conferindo ao autodidata Verger o título de doutor em Estados Africanos (3^o cycle) pela Sorbonne, em Paris, pela sua publicação *Flux et reflux de la traite des esclaves entre le Golfe du Bénin et Bahia de Todos os Santos, du dix-septième au dix-neuvième siècle* (Paris, Mouton, 1968). No Brasil, Verger se tornou conhecido como autor de coletâneas fotográficas e livros — clássicos dos estudos das culturas afro-brasileiras — a partir dos anos 80, graças aos esforços da Editora Corrupio. Porém poucas pessoas, além de alguns colegas e amigos mais próximos, têm conhecimento de que outros textos, livros e trabalhos existem e do que de fato constitui a obra de Verger, hoje em dia depositada na Fundação Pierre Verger,³ instituída por ele em 1986, quase dez anos antes de sua morte. Certamente, não é demais designar a obra de

² Espera-se que a partir da publicação deste texto, encontremos pessoas ou informações que possam ajudar a esclarecer alguma coisa a respeito do paradeiro destes textos.

³ A Fundação Pierre Verger tem como objetivo preservar o seu acervo (biblioteca, acervo fotográfico com 63 000 negativos, gravações sonoras, anotações, manuscritos e outros), continuar pesquisas e franquear a pessoas interessadas este acervo, que continua na casa onde Verger morava.

Verger de multifacetada, levando em conta a quantidade de material, a abrangência dos assuntos abordados e dos lugares onde foi publicada, sempre baseada em seus contatos e suas convivências com as mais diversas culturas. De certa forma, o “inventário” de sua obra mostra-se atrelado à memória de sua vida. As suas publicações surgem em todos os lugares por onde ele passou e nas mais diversas línguas.

Muitos dos seus textos foram publicados, integralmente ou em parte, em mais de uma língua, dirigindo-se a públicos bem diversos. Durante a sua vida, fica patente o deslocamento de uma atuação exclusiva como fotógrafo para uma de escritor, que, mesmo não fotografando mais nos últimos anos de sua vida — ele deixou de fotografar no final dos anos 70, após 50 anos de trabalho em fotografia —, continuava a montar exposições e ilustrar os seus textos e os de colegas e amigos com suas fotos.

A partir dos 30 anos, Verger, que vinha de uma família burguesa,⁴ começou a fotografar e viajar, acompanhado por sua máquina Rolleiflex, usando todos os meios de transporte e de locomoção: a pé, pela Córsega, de bicicleta, pela França, Itália e Espanha, de camelo pelo Saara, como também a bordo de cargueiros de bananas e outras mercadorias, de trem, ônibus e, finalmente, também de avião pelo resto do mundo. A sua primeira viagem mais longa o levou, em 1933, à Polinésia. A partir desta viagem, ele passou a viver de suas fotografias, colaborando com os mais diversos jornais: para o *Paris Soir* ele fez, em 1934, junto com o escritor Marc Chadourne e o jornalista Jules Sauerwein, uma viagem ao redor do mundo, passando pelos Estados Unidos, Japão, China e outros países; no *Daily Mirror* (Londres), encontra-se, entre 1935-36, uma série de fotografias com curtas legendas, especialmente da Indochina, assinadas por Mr. Lensman, um pseudônimo de Verger; para a agência *Alliance Photo*, ele fez a cobertura fotográfica da exposição mundial de Paris, em 1937; para a revista *Life*, ele viajou, em 1937, como correspondente de guerra para a China; e para *Match* (Londres), ele fez uma reportagem sobre o Vaticano, em 1938. Em 1941-42, durante a sua

⁴ É pouco divulgado que o irmão de Verger, boêmio que morreu jovem num acidente de carro, foi retratado no romance da época *Dans le monde où l'on s'abuse* de Jean Fayard, publicado em Paris, em 1925. O fim trágico de seu irmão fez Verger refletir, até a sua morte, a respeito de certos estilos de vida e talvez tenha influenciado a escolha de seu próprio estilo.

estada na Argentina, trabalhou para *Argentina Libre*, um jornal tido como anarquista por alguns, difícil de se encontrar em bibliotecas ou instituições oficiais, pelo fato de provavelmente ter sido ligado à oposição, e para *El Mundo Argentino*, uma revista com fotografias.⁵ Mais tarde, colaborou no Brasil com *O Cruzeiro*, entre 1946-51, e, a partir de um segundo contrato, entre 1954-57, com *O Cruzeiro Internacional*. Além disso, trabalhou para diversos outros jornais ou revistas com os quais não tinha nenhum contrato específico ou de exclusividade, como, por exemplo, o *Unesco Courier*, que publica fotos de Verger em 1959. Desenvolveu, ainda, outras atividades ligadas à fotografia, como encarregado do laboratório fotográfico do Musée de l'Ethnographie (Trocadero), mais tarde Musée de l'Homme, em Paris, entre 1935-37, e como colaborador do Museu Nacional, em Lima, entre 1942-46.

Nos anos em que ele teve uma maior convivência em Paris, especialmente na década de 30 e durante suas esporádicas visitas posteriores, ele fazia parte de um círculo de amigos que incluía pessoas de diversos interesses, como antropólogos, fotógrafos, escritores e artistas de modo geral. Podemos citar, entre muitos outros: Jaques Prévert, escritor; Maurice Baquet, violoncelista; Pierre Bouché, fotógrafo; Marcel Duhamel, escritor e editor. Este grupo inicial, bastante heterogêneo, tinha uma certa aproximação com o surrealismo e com outros estilos alternativos de vida, representando valores que Verger procurava e que faziam com que ele se abrisse para outras áreas de interesse.⁶ Talvez este grupo tivesse até influenciado o seu estilo pessoal de fotografia, que ressalta o aparentemente normal do cotidiano como diferente e especial. Mais tarde, outras pessoas, em Paris, fizeram parte de seu círculo de amigos, como Alfred Métraux, Gilbert Rouget, Roger Bastide, Michel Leiris, André Schaeffner, Jean Rouch, Marcel Griaule, George Bataille e Paul Rivet, entre outros. Com outros conterrâneos contempo-

⁵ Durante sua estada na Argentina, Verger teve bastante contato com o sociólogo francês Roger Caillois, fundador, juntamente com Georges Bataille e Michel Leiris, em 1937, do Collège de Sociologie, que foi importante para a formação de Leiris. Nessa mesma época, Caillois fundou também a revista literária *Les Lettres Françaises*, possibilitando que escritores franceses exilados nas Américas dispusessem de um órgão para publicação de suas obras.

⁶ Verger sempre ressaltava a importância que o *ballet nègre*, na Rua Blomet, com o seu público tão diferente, teve para ele e todos os seus amigos da época, inclusive Alfred Métraux.

râneos, como Claude Lévi-Strauss e Jean-Paul Sartre, ele teve menos contato. Especialmente com Métraux, Bastide e Rouget, ele estabeleceria amizades duradouras, até a morte, incluindo troca de correspondências que se estenderam de 1947-48 até a morte de Métraux em 1963 e de Bastide em 1974.⁷

A lista dos colegas que incluíram fotos de Verger nas suas publicações é longa. Além disso, diversos livros coletivos incluem fotos de Verger, entre as de outros fotógrafos, muitas vezes através de agências de fotografia das quais Verger fazia parte.⁸ Algumas dessas publicações com fotos de Verger devem-se ao projeto de pesquisa da UNESCO sobre o preconceito racial no Brasil, dentro da missão da Columbia University, idealizado e iniciado por Métraux no início dos anos 50. Além de Thales de Azevedo, participaram do projeto Charles Wagley, Marvin Harris, W. H. Hutchinson e Ben Zimmerman, que realizaram pesquisas no interior da Bahia, orientados por Métraux, vindo para o Brasil na ocasião. Alguns dos trabalhos tiveram a participação de Verger como fotógrafo da missão, em 1951.

Verger fez parte de duas agências fotográficas — a Alliance Photo (1934-40) e a A.D.E.P. (1943?-1958) —, além de ter colaborado também com a MAGNUM, embora não se saiba em que nível. No tempo

⁷ A correspondência com Métraux já foi publicada, a com Bastide encontra-se em fase preparatória de publicação e a com Rouget ainda não foi publicada. Da mesma forma, diversas outras correspondências com amigos e colegas aguardam alguma avaliação e análise para que possam futuramente ser divulgadas.

⁸ Serão citados apenas alguns dos trabalhos publicados com fotos de Verger, tais como Alfred Métraux, *Haiti: la terre, les hommes et les dieux*, Neuchâtel, A la Baconnière, 1957; Roger Bastide, "Variations autour de la porte baroque", *Habitat*, Revista de Artes no Brasil, (1951), pp. 53-54; "Une fête des ignames neuves à Pobé", *Revista de Ethnografia*, 18 (1968), pp. 311-332; Lidia Cabrera, *La sociedad secreta Abakuá*. La Habana, Ediciones C. R., 1958; Gilbert Rouget, *Un roi africain et sa musique de cour*, Paris, CNRS Editions, 1996; René Ribeiro, *Cultos afro-brasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social*, Boletim do Instituto Joaquim Nabuco, Recife, 1952; Thales de Azevedo, *Les élites de couleur dans une ville brésilienne*, Paris, UNESCO, 1953; Charles Wagley, *Race and class in rural Brazil*, Paris, UNESCO, 1952; Darwin Brandão, *A cozinha bahaina*, 1ª ed., Bahia, Livraria Universitária, 1948; George Bataille, *L'erotisme*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1957; Denise Palme, *Paroures africaines*, Paris, Hachette, 1956; Gabrielle Bertrand, Michel Leiris e outros mais. Livros coletivos com fotos de Verger são, por exemplo: Jean-Louis Vaudoyer, *Italie des Alpes à Sienna*, Paris, Paul Hartmann, 1936; Maurice Legendre, *En Espagne*, Paris, Paul Hartmann, 1951; George Duhamel, *Le Japon entre la tradition et l'avenir*, Paris, Mercure de France, 1953; Claude Roy, *La Chine dans un miroir*, Lausanne, Éditions Clairefontaine, 1953.

em que as três agências funcionavam em Paris, muitas das suas fotos, que foram negociadas através de uma dessas agências, foram publicadas em tantos lugares, que ultrapassam o conhecimento do próprio Verger. Algumas revistas que publicaram fotos suas são, por exemplo: *Voilà* (1937-38), *Picture Post* e *Life*: nos anos 30, e *Regards*, nos anos 40.⁹

Após ter vivido, entre 1932 e 1946, exclusivamente das suas fotografias, viajando incessantemente pelo mundo *le pied à l'étrier* (“com o pé no estribo”), expressão criada por Métraux e Verger nas suas correspondências que mais tarde tornou-se título de livro (*Le pied à l'étrier*. Paris, 1993), ele veio conhecer a Bahia, em 5 de agosto de 1946, um dos momentos-chave em sua vida. Inicia-se um longo período em que estabelece um círculo de amizades e de trabalho, do qual fazem parte, entre muitos outros, Carybé, Vivaldo da Costa Lima, Waldeloir Rego, Odorico Tavares, Godofredo Filho, Cid Teixeira, Carlos Ott, Thales de Azevedo, Jorge Amado, Mário Cravo, além de um número incontável de pessoas ligadas ao Candomblé, que futuramente acompanhariam a sua vida.¹⁰

A gradativa descoberta da Bahia negra oferece-lhe a possibilidade de estabelecer novos laços com a África Ocidental, que já conheceu durante a sua primeira viagem àquele continente em 1935-36, sem que ele tivesse percebido a sua particularidade com tanta clareza. Só a partir do seu contato com a Bahia, ele descobre a importância da África e as muitas ligações que existem entre ela e o Brasil. No final de 1948, após já ter conhecido o Xangô em Recife e o culto aos voduns na Casa das Minas, em São Luís do Maranhão, ele entra no mundo do Candomblé, faz amizade com Mãe Senhora, sua futura mãe-de-santo, que, ao saber de sua imminente viagem ao outro lado do Atlântico, consagra a sua cabeça a Xangô por descobrir nele um mensageiro de sua cultura entre

⁹ Além das fotos negociadas pelas agências, existem ainda acervos com fotos de Verger no Musée de l'Homme e no Institut Fondamental d'Afrique Noire - IFAN. A publicação em homenagem aos 50 anos da Alliance Photo dá todas as indicações de revistas e jornais que publicaram fotos desta agência. (*Alliance Photo*. Paris, Mairie de Paris, Bibliothèque Historique de la Ville de Paris, 1988-89).

¹⁰ É praticamente impossível falar de todas as pessoas que Fatumbi conheceu. Em cada país ele estabeleceu laços de amizade que, muitas vezes, duraram décadas. Não se deve esquecer que o presente texto é apenas uma bibliografia com alguns traços biográficos, não uma biografia. As pessoas que, porventura, não foram mencionadas devem desculpar este fato, que decorre da limitação de espaço.

a Bahia e a África.¹¹ Verger viaja para a África com uma bolsa de estudos e pesquisa, oferecida por Theodor Monod, diretor do IFAN. Este fato constitui o início de sua nova tarefa como observador etnográfico que começa a escrever as suas observações e experiências, a serem publicadas a partir de 1951. Logo em seguida, em Ketu (Daomé), é iniciado como babalaô (1953), sacerdote de Ifá, o dono do destino e da adivinhação. Ele deixa de ser Pierre Verger e se torna Fatumbi, “renascido pelo Ifá”. Em uma carta dirigida a Métraux lemos:

Encontrei sua carta no retorno de Kétou, onde eu cheguei Pierre Verger e de onde voltei FATUMBI, o que significa: ‘Ifá me entregou ao mundo’. É por demais presunçoso pois se em meu comportamento resta alguma coisa de infantil isto torna tudo natural, e além disso quando você tem 70 anos, eu terei não mais que 20. Ademais rompi assim as últimas ligações com o que ainda tinha de minha família e, se mais tarde me acontecer de mentir a um profano, terei mesmo mais restrição mental a fazer e lhe declarar: ‘Se isto não é verdade, que eu não me chame mais Pierre Verger’.¹²

Este fato intensifica o seu contato com a cultura africana e seu interesse por ela. Após alguns trabalhos menores, publica *Dieux d’Afrique* (Paris, 1954), a sua primeira obra sobre a cultura iorubá. A partir daí, a sua produção não pára mais e Verger começa a se dedicar a alguns assuntos favoritos, que caracterizariam suas publicações até o final de sua vida. É importante ressaltar que a sua obra escrita se concentra no universo das culturas e religiões afro-americanas, especialmente o contato entre a África Ocidental e o Brasil, incluindo, às vezes, outros países do Novo Mundo, como Cuba, Haiti, Suriname e Guiana Francesa.

Verger certamente tornou-se um dos maiores conhecedores do universo da cultura iorubá, graças ao seu desejo de conhecer, movido por uma imensa vontade de ser livre de compromissos desnecessários, e pela curiosidade de observar e entender as múltiplas facetas do ser humano. De fato, a chave para a sua obra se encontra no simples fato

¹¹ Mais tarde, ele receberá no Ilê Axé Opó Afonjá o título de oju obá, além de ocupar muitos outros cargos e postos em diversas casas de candomblé na Bahia e na África, tantos que nem todos podem ser citados aqui, sem falar de outras condecorações e homenagens que recebeu em diversas instituições e lugares durante os muitos anos de sua vida.

¹² Verger. *Le pied a l'étrier*, pp. 176-177

de sempre ter sentido um fascínio pelo ser humano e pelo humano em cada ser, pelo indivíduo e seu lado individual. Descrevendo a personalidade de Verger, com base, inicialmente, na avaliação de Theodor Monod, que observa em Verger “um dom excepcional para os contatos humanos”, Gilberto Freyre ressalta

esta outra singularidade: a de saber juntar a simpatia pelos assuntos que estuda, a capacidade de considerá-los com a distância necessária à objetividade científica. Ao que se deve acrescentar ainda outra condição, rara em etnólogos e antropólogos profissionais: a de ser Pierre Verger um homem livre. Livre de compromissos rigidamente acadêmicos. Livre de ligações burocraticamente universitárias. Livre de obrigações para com esta ou aquela ortodoxia científica. Daí a frescura de suas páginas de divulgador e, às vezes, revelador de culturas exóticas. Daí o seu encanto artístico que, nas suas fotografias, se junta à exatidão — exatidão que lhes dá categoria de documentos científicos — sem os prejudicar ou comprometer.¹³

Em outros momentos, Verger procura, e até analisa, os aspectos formadores deste indivíduo, com a sua constante luta entre o inato, muitas vezes inconsciente e escondido ou oprimido, e o culturalmente aprendido e/ou induzido. “Eu acreditava que o homem se tornava aquilo que o seu meio o destinava a ser, porém à medida em que envelhecia, me apercebia que cada homem possuía uma sensibilidade e um caráter inatos, que permaneceriam ligados a ele por toda a vida”.¹⁴ A sua busca do natural, do inato, do não transformado por regras sociais às vezes questionáveis, deturpado pela educação e/ou pela instituição escola, faz Fatumbi designar o Candomblé, depois de ter visto e observado muitas outras religiões durante as suas viagens, como uma religião de exaltação da personalidade verdadeira do indivíduo. Uma das questões intimamente ligadas às mencionadas é a questão do estado de transe, fundamental em tantas religiões, que diversas vezes foi abordada e estudada por Verger.

¹³ Citado conforme um texto sem data exata de 1955, publicado na revista *O Cruzeiro* e arquivado no acervo da Fundação Pierre Verger como recorte de jornal.

¹⁴ “Algumas datas na vida de Pierre Verger”, *Alteridades*. II: 2 (1996), p. 106.

Mas o que acontece é que a gente não é formado pela educação. A gente, talvez, é deformado pela educação. Então, se a gente vem contra, isso fica no inconsciente, e esse inconsciente só pode dar a possibilidade de se afirmar quando o consciente é abolido. Então, quando se diz que as religiões são religiões de possessões, a palavra é completamente falsa. Não são crises de possessão. São crises de expressão do ser profundo que pode se expressar. O orixá é parte inconsciente reprimida da pessoa que pode se expressar no momento em que a parte consciente está abafada, apagada. É uma possibilidade de se expressar, de expressar sua natureza reprimida pela vida. É uma coisa excelente.”¹⁵

Certamente, esta questão foi o motivo e o motor para muitas das suas pesquisas. Os enigmas em torno do caráter e da personalidade do ser humano levam o antropólogo curioso a uma busca de compreensão do outro, para compreender a si mesmo. Uma resposta para esta questão foi procurada por Verger até o final de sua vida, como pude observar, a partir do início de 1988, quando tive a oportunidade de trabalhar com ele, num convívio diário. Muitas destas conversas transformaram-se em reflexões e anotações que, diversas vezes, delinearão os assuntos tratados. E, de fato, uma das questões que mais ocupava Verger era este aspecto entre o inato e o aprendido, uma questão que foi básica na busca do seu próprio caminho de vida.

Com as suas viagens constantes para a África, Fatumbi realmente tornou-se o mensageiro — aproveitou este termo para um dos seus últimos álbuns fotográficos, *Le Messenger* (Paris, 1993) — entre os dois lados do Atlântico, renovando e inovando, criando e recriando os contatos humanos, os laços humanos, numa época em que, por falta de contatos comerciais de toda espécie, as ligações tinham se tornado menos frequentes e menos fundamentais do que nos séculos anteriores.¹⁶ Nem

¹⁵ “Pierre Verger, Entrevista”. *Exu*, 5 (1988), p. 7.

¹⁶ Lembre-se que Verger foi o cicerone para muitos dos seus amigos e colegas da Bahia, da França e de outros lugares, recebendo-os na África, mostrando as suas particularidades e facilitando contatos. Devem ser incluídos neste grupo, entre outros, Bastide e Métraux, nos anos 50, como também Vivaldo da Costa Lima, Júlio Braga e Deoscoredes Maximiliano dos Santos com Juana Elbein dos Santos, além de Antônio Olinto e Zora Seljan, nos anos 60, o pai-de-santo Balbino Daniel de Paula, Arlete Soares e Cida Nóbrega, nos anos 70. Além destes colegas brasileiros que foram para a África, também recebeu diversos colegas e amigos africanos no Brasil, como Olabiyi Yai e vários reis iorubás.

sempre esta sua atitude de unir foi vista com bons olhos. Verger sempre contava, com um certo tom de *amusement*, de divertimento, que o seu colega antropólogo norte-americano Melville Herskovits mostrou-se bastante contrariado com a ação “conciliadora” de Verger, dizendo que este tinha destruído a situação de “laboratório natural” encontrado por ele, Herskovits, na Bahia. Neste laboratório, Herskovits queria estudar, segundo o relato pessoal de Verger, os efeitos da aculturação ou enculturação, ocorrida durante os cerca de 50 anos em que a cultura afro-brasileira havia ficado sem contato direto com a África. Este suposto “laboratório”, ideal para estudar as manifestações africanas em terras brasileiras, foi encontrado pelo antropólogo quando ele veio em 1941-42 ao Brasil. Mas, poucos anos depois, a partir de 1946, Verger começou a realizar as suas pesquisas nos dois lados do Atlântico, refazendo os contatos, temporariamente adormecidos após a abolição, reaproximando famílias, rituais e fatos.¹⁷ O acontecimento relatado caracteriza um dos traços mais importantes da obra e da filosofia de vida de Verger: ele queria a união, a compreensão mútua e supra-étnica, em vez de procurar ou ressaltar o contrário. Como ele diz em *Os libertos*: “Na Bahia encontra-se o que a gente tem carinhosamente em comum e não agressivamente o que tem de diferente”.¹⁸

Entre os temas pesquisados e abordados por Verger, destacam-se alguns principais, ressaltados por ele mesmo em “Titres et travaux”, uma espécie de memorial a ser apresentado regularmente às fontes financiadoras francesas, como, por exemplo, o CNRS, instituição na qual Verger ingressou, em 1962, como *chargé de pesquisa*, quatro dias antes de alcançar o limite de idade permitido para o ingresso, e da qual, mais tarde, chegou a ser diretor de pesquisa, durante os anos 1971-72, quando Gilbert Rouget, etnomusicólogo, desistiu de sua candidatura em prol da de seu amigo Fatumbi, novamente atingindo a idade limite para o exercício deste cargo.

Embora na lista apresentada por Verger faltem todas as publicações a partir de 1974, as áreas principais de sua pesquisa são, segundo

¹⁷ Apesar destas diferenças de enfoque metodológico, eles tiveram bastante contato, e até existiu o projeto de um livro a ser publicado por Herskovits, com fotos de Verger, que, por razões desconhecidas, não chegou a ser implementado.

¹⁸ Verger, *Os libertos*, Salvador, Corrupio, 1992, p. 94.

ele mesmo: 1) trabalhos sobre influências africanas no Brasil e brasileiras na África; 2) história das relações do Golfo do Benin com a Bahia; 3) trabalhos de caráter sociológico; 4) trabalhos sobre as tradicionais religiões africanas; 5) tradições orais; 6) adivinhação; e 7) etnobotânica.

Com base no total das publicações pesquisadas até o presente momento, talvez possamos reorganizar esta lista, conforme a seqüência dos assuntos abordados, aumentando-a em certos aspectos, da seguinte forma: 1) documentação fotográfica; 2) história das relações entre a África e o Brasil — influências mútuas; 3) artes; 4) religiões tradicionais africanas e brasileiras, incluindo aspectos de transe; 5) trabalhos de caráter sociológico; 6) tradições orais, processos de transmissão oral, literatura oral; 7) adivinhação; 8) etnobotânica e 9) publicações com teor autobiográfico.

Nem sempre é possível incluir algumas de suas publicações apenas num dos grupos mencionados. Isto pode ser explicado pelo grau de integração dos diversos aspectos abordados e presentes na própria cultura africana, onde, como também em diversas outras, para falar de religião, há que se falar de música, dança, arte, transmissão oral, aspectos que, só na concepção européia, são dissociados. Em muitas culturas, os mais diversos aspectos culturais são intrinsecamente interligados, formando uma unidade vivencial às vezes difícil de ser entendida por pessoas fora deste contexto cultural. Por causa desta dificuldade de limitar os diversos textos tematicamente, nos deixaremos levar por um fluxo mais natural, para tentar apresentar especialmente as publicações menos conhecidas, embora nosso objetivo principal seja uma apresentação resumida de toda a sua obra.

É importante ressaltar que praticamente toda a obra escrita de Verger (excluindo as publicações de álbuns e livros fotográficos) refere-se ao contexto da cultura iorubá, tanto na Nigéria e no Benin, quanto na diáspora nas Américas, coincidindo com a mencionada fase a partir de 1946, quando ele começa a definir o seu interesse pelo assunto. Um dos motivos de trabalhar com tanta dedicação e até obsessão pela cultura iorubá é mencionado por Ulli Beier, um dos amigos do tempo que Verger passou na África: "...juntar, observar, escrever para dar um corpo a este conhecimento vastíssimo, para as culturas letradas darem mais

importância. Igual às outras religiões que têm o seu livro sagrado para serem respeitadas”.¹⁹ Foi esta vontade de documentar a riqueza da cultura iorubá, para que ela ganhasse o reconhecimento merecido, que fez Verger ressaltar a sua estrutura religiosa diferente das grandes religiões “reveladas”, como ele costumava chamar as religiões transmitidas pela escrita. Uma religião que, no mínimo, poderia possibilitar uma reflexão, dentro de uma visão menos preconceituosa, facilitando uma aproximação humana das diversas culturas e religiões. Resumindo, podemos observar nele duas atitudes e posturas que, muitas vezes, se misturam e se confundem. Ele era o pesquisador minucioso e paciente, sempre voltado para o ser humano, e, ao mesmo tempo, o mensageiro que se incumbia especialmente de manter vivo o contato entre os dois lados do Atlântico.

Fatumbi, em princípio, não era uma pessoa religiosa, pelo menos à primeira vista, nem um colecionador de arte ou de qualquer objeto, nem um pesquisador voltado para a aplicação de teorias. O seu interesse principal eram as pessoas, na sua dimensão histórica e no seu contexto sociocultural, que criavam os objetos de arte, utilizados na sua vida cotidiana e sua religião, e a dignidade que eles ganhavam a partir de sua religião, motivo que ele sempre ressaltava quando falava sobre o Candomblé baiano.²⁰ Eram as pessoas em si e não os seus bens materiais que tinham importância para ele. Não foi por acaso que Verger escolheu, em 1960, quando, finalmente, fixou a sua residência na Bahia, uma casa modesta na Vila América, no Alto do Corrupio, para morar até os seus últimos dias.²¹ Algo essencial em sua vida foi, certamente, a convicção de que queria ficar livre de qualquer coisa desnecessária, especialmente objetos materiais, fato este que, quando mais jovem, o atraiu para o budismo, em sua passagem pelo Cambodja. A abdicção de todos os bens parecia-lhe atraente, para poder viver livre — espiritual e materialmente. Porém, como descobrira mais tarde, era uma renúncia interes-

²⁰ Existem diversas entrevistas nas quais ele aborda particularidades e aspectos fundamentais do que o Candomblé representava para ele.

²¹ Ele vivera anteriormente, a partir do ano de 1946, no Chile Hotel, num modesto quarto abaixo do telhado, porém com uma vista maravilhosa, como sempre ressaltava, e depois, nos anos 50, num quartinho no Caminho Novo do Taboão. Este último serviu de inspiração para a descrição da morada do personagem Quincas Berro D'água, de Jorge Amado.

¹⁹ Ulli Beier, “Erinnerungen an Pierre Fatumbi Verger”, in *Überschreitungen. Trickster Jahrbuch Bd.1* (Wuppertal, Perter Hammer Verlag, 1997), p.160.

seira, porque pretendia-se, desta forma, conseguir uma melhor reencarnação. Então, antes de se aproximar mais, ele chegou à conclusão de que a filosofia do budismo não era aquilo que estava procurando na sua vida. Tal desencanto e decepção não ocorreram em sua relação com a religião iorubá. Ao contrário, ela se tornou tão importante que fez com que ele vivesse durante muitos anos na África e alimentasse as suas pesquisas durante décadas.

Muitos dos seus textos viraram “clássicos”, livros de cabeceira, como *Dieux, Notes. Orixás*, especialmente aqueles vinculados à religião afro-brasileira e a aspectos históricos, enquanto muitos outros são, até hoje, completamente desconhecidos, devido ao difícil acesso. São estes os textos que queremos apresentar para torná-los mais conhecidos. Escolhemos alguns dos mais significativos de todos os grupos mencionados anteriormente, apresentando-os, pelo menos, de forma resumida. Lamentamos não ser possível falar sobre todos eles, nem tampouco seria indicado limitar a abordagem a apenas um dos assuntos temáticos. Ao mesmo tempo, nos ateremos aos textos publicados, excluindo os ainda inéditos, apresentados em congressos.²² Infelizmente, não existem, no acervo da Fundação Pierre Verger, todos os textos mencionados por ele mesmo, porém, pelo menos a respeito de alguns, há indicações do próprio Verger que permitem uma contextualização ou abordagem.²³ Embora tivesse desenvolvido pesquisas em conjunto com Roger Bastide, Gilbert Rouget e Alexandre Adandé e existam, talvez, outros textos em parceria ainda não localizados, a grande maioria das suas publicações é o resultado de suas incansáveis buscas e pesquisas pessoais.

A obra de Verger: um inventário

Os livros de fotografia representam a primeira fase de sua obra, que compreende os anos de 1932 a 1951-52 e retrata as mais variadas culturas, que ele conheceu em suas inúmeras viagens. Estas obras foto-

²² Tampouco vamos citar as inúmeras resenhas e introduções a livros.

²³ Alguns destes textos inexistentes no acervo da FPV, comentados eventualmente nas notas deste artigo, serão assinalados com *, como indicação para pessoas que porventura tenham acesso a eles e possam nos fornecer uma cópia.

gráficas foram publicadas em muitos países. Além de ter participado de livros coletivos, abordando assuntos como Espanha, Itália, China, Japão, Brasil²⁴, juntamente com outros fotógrafos, Verger também publicou livros com fotos exclusivamente suas, como *South Sea Islands* (Londres, 1937), *Méxique* (Paris, 1938), *Viet Nam* (Paris, 1951), *Congo-Belga* (Paris, 1952) e *Bahia de tous les poètes* (Lausanne, 1955). Muitos dos livros de sua fase inicial foram publicados pelo editor e amigo Paul Hartmann, em Paris, uma pessoa-chave no mercado editorial parisiense da época. Sobre os índios do Peru, foram publicados *Fiestas y dansas en el Cuzco y en los Andes* (Buenos Aires, 1945),²⁵ *Indians of Peru* (Chicago, 1950) e, mais tarde, *Indiens pas morts* (Paris, 1956), o último novamente em colaboração com mais dois outros fotógrafos. No Brasil, sua obra fotográfica só é publicada a partir dos anos 80, embora já tivessem existido alguns projetos de publicação anteriormente que, por motivos desconhecidos, não foram concretizados.²⁶

Desta primeira fase, em que fotografava, mas não escrevia, vale ressaltar alguns dos trabalhos nos quais Verger colaborou: durante o tempo em que trabalhou para a revista *O Cruzeiro*,²⁷ foi realizada uma série de reportagens propostas por Verger sobre a presença da cultura brasileira na Nigéria e no Benin, tendo Gilberto Freyre como autor dos textos. As

²⁴ *Brésil* (Paris, 1951) foi publicado em colaboração com A. Bom e Marcel Gauteroth, este último um fotógrafo francês que, por diversas vezes, abordou as mesmas temáticas que Verger. Eles se encontraram muitas vezes, porém se afastaram depois.

²⁵ Este livro provavelmente foi publicado graças à ajuda financeira do casal Dominique e Jean de Ménil, que, sensibilizados pela situação em que encontraram Verger na Argentina, em 1941-42, onde ele passou um período não muito feliz de sua vida, possibilitaram a sua viagem da Argentina para o Peru.

²⁶ Existiu um projeto da Editora Civilização Brasileira que propôs, logo após ter saído o seu livro *Bahia de tous les poètes*, em 1955, na Suíça, a publicação de um livro fotográfico sobre a Bahia com texto de Roger Bastide e fotos de Verger, porém nunca executado. A única publicação ligada mais ou menos a este contexto é o texto "Candomblé" divulgado na revista *A Cigarra - Magazine* — que fazia parte do império dos Diários Associados —, em junho de 1949, às páginas 4-9, 18 e 24.

²⁷ Verger chegou a realizar, durante o tempo de sua primeira contratação por *O Cruzeiro*, mais de 110 reportagens fotográficas, embora destas provavelmente somente 80 tenham sido publicadas. Durante o tempo de sua contratação para *O Cruzeiro Internacional*, ele realizou mais de 80 reportagens, das quais, não se sabe por que motivos, só algumas poucas foram publicadas. O destino deste valioso material fotográfico até agora não foi esclarecido. É importante ressaltar que, nesta segunda fase, Verger muitas vezes fotografava e escrevia. Existe ainda a maioria destes manuscritos, que constituem uma parte considerável das reportagens durante a segunda contratação.

cinco reportagens “Acontece que são baianos” foram publicadas em agosto de 1951 e, mais tarde, republicadas por Freyre em forma de capítulo em *Problemas brasileiros de antropologia*²⁸ e ainda em *Bahia e baianos*,²⁹ infelizmente, nos dois casos, não acompanhadas das fotografias originais. Nos textos publicados em livro, Freyre coloca uma introdução, inexistente nos artigos originais em *O Cruzeiro*, reconhecendo a importância de Verger e sua iniciativa para a realização daquele trabalho, uma vez que a idéia inicial e praticamente todas as informações colhidas em pesquisa haviam sido deste último, como se pode ler na correspondência entre os dois.³⁰ Uma parte do material levantado por Verger trata das tradições musicais dos brasileiros que retornaram ao Benin. Verger teve muito contato com o chefe da associação dos brasileiros, Casimiro de Almeida, descendente de brasileiros, em Uidá, onde existe, até hoje, a tradição do bumba-meu-boi.³¹ Nas correspondências de Verger, encontram-se cartas de 1992 de descendentes do mesmo grupo pesquisado por ele, nas quais se fala do mesmo repertório utilizado até hoje. Só dois pequenos textos de Verger abordam, mais tarde, a questão das letras do repertório musical deste grupo de descendentes de brasileiros no Benin. Trata-se de “L’ influence du Brésil au Golfe du Bénin” (Dakar, 1953) e América Latina en África (Madri, 1977).³²

²⁸ Gilberto Freyre, *Problemas brasileiros de antropologia*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Jose Olympio, pp. 263-313.

²⁹ Gilberto Freyre, *Bahia e baianos*, Salvador, Fundação das Artes/EGBA, 1990, pp. 91-134.

³⁰ Até o momento encontramos nove cartas de Verger para Freyre e duas cartas de Freyre para Verger. Na carta de 27 de junho de 1950, Verger indica detalhadamente todo o material que enviou para Freyre, incluindo notas de pesquisa e material bibliográfico relativo à África. É importante ressaltar que, para o levantamento do material, já havia começado a realizar os primeiros trabalhos em arquivos baianos, procurando complementá-lo. No texto mencionado anteriormente (ver nota 13), Freyre diz: “Donde senti-me feliz em ter em Pierre Verger um colaborador nas pesquisas em que há anos me empenho em torno de ex-escravos abrasileirados pelo Brasil. Voltando à África, fundaram eles em terras africanas uma espécie de civilização afro-brasileira da qual ainda hoje se encontram sobrevivências interessantíssimas: assunto do possível livro que espero publicar com a colaboração de Pierre Verger.” Este livro, ao que consta, não foi publicado.

³¹ O repertório é gravado nos anos 50 por Luís Heitor de Azevedo em Paris. Esta gravação encontra-se na Library of Congress e também no acervo da própria Escola de Música do Rio de Janeiro, conforme carta, de 1984, de Luís Heitor a Verger.

³² Uma das famílias de descendentes de brasileiros que retornaram ao Benin e mantém estas tradições até hoje foi gravada pelo etnomusicólogo Marcos Lacerda Brenda. O repertório foi lançado em CD recentemente: *Drama, e fetiche. Vodun, bumba-meu-boi e samba no Benin*, in FUNARTE, *Dicionário sonoro do folclore brasileiro*, vol. 48.

A publicação das reportagens em *O Cruzeiro* teve como complementação indireta uma gravação com cantigas que Verger coletou de duas velhas senhoras, que retornaram para a África quando adolescentes. Esta gravação do início dos anos 50, até hoje inédita, foi realizada com a ajuda do etnomusicólogo Gilbert Rouget, seu amigo e companheiro de muitas pesquisas realizadas na África. Diz Gilberto Freyre a respeito:

As palavras que ele soube recolher, em moderníssimo aparelho de gravação, de duas brasileiras, de origem africana, há muitos anos separadas da Bahia e fixadas na África, não são apenas um documento de interesse científico: são também poesia como que dirigida. (...) Monsieur Gilbert Rouget, do Museu do Homem de Paris, auxiliou Pierre Verger na gravação desse documentário rico de sugestões. Ao técnico em gravação devemos também agradecimentos. Mas é esse novo aspecto do trabalho de Pierre Verger — o de gravar na África vozes de afro-brasileiros que as culturas maternas não têm conseguido absorver senão em parte — que principalmente merece, dos pesquisadores interessados nas origens africanas da cultura nacional do Brasil, uma particularíssima atenção. É um trabalho o de Monsieur em torno de assuntos afro-brasileiros, que continua a se fazer notar pelo seu vivo empenho de documentação desses assuntos, através de técnicas as mais modernas e de pesquisa de campo as mais difíceis. Um trabalho deveras admirável.³³

Deste contato direto com Gilbert Rouget, resultou o interesse que Verger desenvolveu pela música, embora sempre ressaltasse que era apenas *um leigo*. Foi Rouget quem deixou, em 1952, um gravador na mão de Verger, que, a partir daquela data, começou a usar este recurso indispensável, tanto para gravar música, quanto para gravar um rico acervo de literatura oral.³⁴ As duas mencionadas senhoras,

³³ *Jornal do Comércio*. Recife, 31 ago. 1960.

³⁴ Entre as publicações que surgiram a partir das pesquisas desenvolvidas por Verger e Rouget, podem ser mencionados alguns discos de Rouget, que trazem lotos e, às vezes, textos de Verger: *Dahomey. musique de princes. Fête des Tohosou*. Musée de l'Homme LD 5. Contrepoint MC 20.093, 1955; *Ogun dieu de 'er - chants d'Afrique Occidentale*. Musée de l'Homme LD 12. Contrepoint MC 20.159, 1958; *Fête pour l'offrande des premières ignames à Shango au Dahomey*. Musée de l'Homme LD 2, 1965; *Musique des revenants*, e dois CD's acompanhando o livro *Un roi africain et sa musique de cour*. Paris. CNRS Editions, 1996.

Maria dos Anjos Ojelabi e Maria Romana da Conceição, foram gravadas ainda diversas outras vezes, depois de Verger ter divulgado a primeira gravação pela Rádio Ministério da Educação no Rio, na Bahia e em Pernambuco.³⁵

Nesse contexto, deve ser mencionada uma outra pesquisa fotográfica, provavelmente a última que, tematicamente, deu continuidade àquela iniciada para a publicação com Freyre, embora fosse realizada quase trinta anos após aquela. Ela foi encomendada pelos amigos Manuela e Marianno Carneiro da Cunha e realizada durante a estada dos três na Nigéria, Marianno como professor visitante na Universidade de Ifé (1975-76) e Verger, em seguida, na mesma função (1976-79). O resultado da pesquisa, na forma de um ensaio fotográfico, faz parte do livro *Da senzala ao sobrado*, de Marianno Carneiro da Cunha.³⁶ As fotos são parte indispensável para a visualização dos aspectos arquitetônicos brasileiros presentes na Nigéria que são analisados no texto. Resultou desta pesquisa, além do mencionado livro, uma exposição que percorreu diversas cidades do Brasil, em 1978, como São Paulo e Salvador, tendo aqui se realizado na Faculdade de Arquitetura da UFBA.

As publicações com textos de Verger aparecem apenas após ter publicado um grande número de livros com fotografias e reportagens diversas, embora existissem também várias anotações desta época em forma de pequenos textos, até hoje não publicados, que retratam especialmente as suas viagens pela Indochina. A partir de 1946, ele começa a concentrar os seus estudos e sua vivência na cultura iorubá nos dois lados do Atlântico, passando aos poucos do fotógrafo para o escritor, antropólogo e historiador que, em 1951, viria a ressaltar, numa carta dirigida a Métraux, que começara a fixar as suas observações por escrito. “Inacreditável, mas verdade!!! Comecei a redigir algumas das mi-

³⁵ Ver Antônio Olinto. *Brasileiros na África*, 2ª ed., São Paulo, GRD, 1980, p. 261 Infelizmente, ainda não foi possível esclarecer a data exata desta emissão radiofônica. Tampouco sabemos se, porventura, é idêntica a um programa veiculado em 22/12/58, dentro de uma série chamada “Vamos cantar a Bahia”, que aborda a temática dos brasileiros retornados à África. O texto manuscrito deste programa, escrito por Verger, encontra-se no acervo da FPV

³⁶ Marianno Carneiro da Cunha. *Da senzala ao sobrado. Arquitetura brasileira na Nigéria e na República Popular do Benin*, introdução de Manuela Carneiro da Cunha, ensaio fotográfico de Pierre Verger, São Paulo, Editora Nobel/EDUSP, 1985.

nhas anotações, (...) e como é desamarrar que é o mais penoso; (...) eu penso que continuarei (...) este calvário.”³⁷ Verger sempre ressaltava que ele nunca teria começado a escrever, sem a “imposição” e exigência de Theodor Monod de escrever e publicar, depois de lhe ter oferecido a primeira bolsa, sem que ele tivesse imaginado que teria de escrever sobre a sua pesquisa. Para ele, as fotos entregues ao IFAN seriam suficientes para quitar suas obrigações. Esta segunda fase se estende por cerca de 30 anos, durante os quais ele continua vivendo alternadamente nos dois lados do Atlântico, embora comece a fortalecer sempre mais as suas raízes plantadas na Bahia. Em 1979, encerra-se a sua última estada na Nigéria (como professor visitante na Universidade de Ifé, onde ele tinha estado diversas vezes nos anos 50 e 60) e, a partir deste momento, decide trabalhar na Bahia, onde começa a publicar os seus primeiros livros no Brasil e dedicar-se à finalização de outras pesquisas ainda em curso.

Podemos observar que Verger trabalhou durante décadas a questão das ligações históricas entre os dois lados do Atlântico, com todas as suas implicações econômicas, políticas, históricas, religiosas e humanas. A partir do momento em que descobre a correspondência comercial de Tibúrcio dos Santos, o chamado ‘Alfaiate’, em Uidá, em 1949, ele começou a publicar diversos textos sobre esta questão. O primeiro é a própria correspondência “Cartas de um brasileiro estabelecido no século XIX na Costa dos Escravos” (São Paulo, 1952), com uma análise do conteúdo das cartas que se referem ao período do tráfico clandestino. A mesma temática é abordada em “L’influence du Brésil au Golfe du Bénin” (Dakar, 1953), embora se trate basicamente de uma compilação de textos dos mais diversos autores a respeito desta questão, incluindo as mencionadas cartas (traduzidas para o francês), acompanhadas por diversas fotos que mostram a influência brasileira. É importante ressaltar que todo o volume, com a participação dos colegas mais importantes da época, foi organizado por Verger, a convite de Theodor Monod. Entre os autores incluídos no volume encontram-se Roger Bastide, Edison Carneiro, Gilberto Freyre, Joseph Greenberg, Melville Herskovits, Carlos Ott, Donald Pierson, Willam

³⁷ Verger, *Le pied*, p. 124. Aqui é importante lembrar a história das reportagens com Freyre, onde Verger, talvez sem que se apercebesse, já relata indiretamente as suas pesquisas, embora ainda não tenha chegado a redigir de fato.

Bascom, Lydia Cabrera, Michel Leiris, Alfred Métraux e Ruth Landes, além de diversos outros colegas, em sua maioria amigos, que dividiam com Verger o interesse por uma temática comum.

Estes dois mencionados textos de Verger, como diversos outros, prepararam, na verdade, a sua grande obra, *Fluxo e refluxo*, publicada primeiramente na França (*Flux et reflux*), em 1968, e como *Trade relations between the Bight of Benin and Bahia from the 17th to 19th century*, em Ibadan, em 1976, que, só em 1987, saiu em português. Entre estes textos preparatórios temos: “Notes on some documents in which Lagos is referred” (Ibadan, 1959), onde ele analisa fontes a partir do final do século XVIII, estabelecendo as relações de Lagos (ou Onim) com o Brasil. “Les côtes d’Afrique Occidentale entre ‘Rio Volta’ et ‘Rio Lagos’. 1535-1773” (Paris, 1968) aborda as questões levantadas em *Fluxo e refluxo*, porém trabalha basicamente com mapas antigos. Alguns textos, publicados em 1965 e 1966 pela revista *Études Dahomeenes*, em três números diferentes, também tratam da história dos fortes ao longo da costa africana, como “Le Fort St. Jean-Baptiste d’Ajuda” ou “Le fort portugais de Ouidah”. que mais tarde serão transformados em um capítulo de *Fluxo e refluxo*. Outros textos que deveriam ser incluídos neste grupo são “Retour des brésiliens au Golfe du Bénin au XIX^e siècle” (Porto Novo, 1966), que seria um esboço do futuro capítulo XVI do citado livro, e “Rôle joué par le tabac de Bahia dans la traite des esclaves au Golfe du Bénin”, publicado em 1963, em Paris, e em 1968, em português. Este último texto aborda a curiosa importância que o tabaco de terceira qualidade tinha para as relações comerciais diretas entre a Bahia e o Golfo do Benin. Todos os textos que abordam aspectos históricos são o resultado de inúmeras pesquisas nos arquivos da Bahia, do Rio de Janeiro, de Paris, Lisboa, Londres, Haia e, mais tarde, Lagos.³⁸ Alguns capítulos de *Fluxo e refluxo* são

³⁸ Torna-se necessário incluir neste grupo alguns textos apresentados em congressos e seminários, dos quais não existem informações detalhadas a respeito da possível publicação posterior. Estão neste caso conferências como “Raisons économiques de la prédominance des esclaves Nago Yoruba à Bahia au XIX^e siècle” (Porto Novo, 1965) e o texto “Vente aux enchères à Freetown des navires négriers saisis au XIX^e siècle par les croiseurs britanniques et le fructueux commerce qui en résultait”. *Sierra Leone Studies*, Fourah Bay College, Freetown, 1966. 24p. * (1966), baseado em documentos achados nos arquivos de Londres.

desmembrados depois de sua publicação, provavelmente para facilitar uma maior circulação. Como exemplo, pode ser citada a edição do último capítulo “Formação de uma sociedade brasileira no Golfo do Benin no século XIX” em três línguas — português, francês e espanhol (Dakar, 1969) —, muito antes da tradução do livro para o português; ou então “L’esclavage a Bahia au XIX siècle” (Paris, 1968), constituindo um resumo de dois capítulos de *Flux e reflux*. “Relations commerciales et culturelles entre le Brésil et le Golfe du Bénin” (Paris, 1969) foi baseado em *Fluxo*, embora não seja um capítulo do livro. Note-se a existência de diversos textos que — além da discussão das relações mais comerciais — ressaltam as condições de vida de escravos libertos e repatriados em diversos países da África, como “Repatriates from Brazil and Sierra Leone to the Bight of Benin in the XIXth century”, conferência em Ibadan, em 1965.³⁹ e “Retour des brésiliens au Golfe du Benin au XIX^e siècle”, publicado em 1966, que pode ser visto como uma antecipação do último capítulo de *Fluxo e refluxo*. O texto “Les nouveaux brésiliens dans le Golfe du Bénin: un métissage culturel et biologique” (Cotonou, 1983) faz uma abordagem bem ampla e geral de todos os aspectos tratados em diversas publicações anteriores, embora não tenha ligação direta com nenhuma delas. Para explicar o retorno dos escravos brasileiros à África, Verger passa por uma abordagem da situação local na Bahia, incluindo as sociedades de alforria, as relações comerciais transatlânticas, a influência da cultura negra no Brasil, com as suas tendências de integração ou de revolta,⁴⁰ para analisar, no final, a situação dos descendentes de brasileiros no Golfo do Benin, incluindo a situação em Serra Leoa.

Uma publicação curiosa é o texto “Jean-Baptiste Douville, naturaliste calomnié ou imposteur démasqué?” (Salvador, 1976), publicado em francês na revista *Afro-Ásia*. Até hoje não existe unanimidade sobre se Douville foi, de fato, um viajante naturalista ou um impostor. Além

³⁹ Infelizmente, não podemos afirmar se este texto realmente foi publicado pela Universidade de Ifé, em 1966, como indicado por Verger.

⁴⁰ Este aspecto foi retomado em *Os libertos* e também em “Moslem revolts in Bahia”*. Infelizmente, este texto não faz parte do acervo da FPV, que só possui o seu resumo, feito pelo próprio Pierre Verger, em que aborda as revoltas na Bahia entre 1807 e 1835, interpretando, especialmente a última, como continuação da Guerra Santa iniciada no norte da Nigéria, em 1804.

de uma viagem ao Congo, passou um tempo na Argentina e finalizou a sua vida entre os índios no sul da Bahia, entre 1833 e 1835, onde foi assassinado. Ressalte-se que um dos melhores amigos de Verger, Alfred Métraux, chegou a editar e publicar uma parte das anotações de Douville, referente à viagem pelo Brasil, em 1929, em Tucumán, na Argentina.⁴¹ Parece ser um texto muito pouco divulgado. O próprio Verger não o conhecia quando publicou o seu, com base no texto original de Douville, arquivado em Paris, tendo tomado conhecimento do texto de Métraux somente no início dos anos 90.

Existem ainda diversas outras publicações que abordam as relações mútuas entre a África e o Novo Mundo, como “Yoruba influence in Brazil”, na revista *Odu* (Ibadan, 1955), “Nigeria, Brésil et Cuba”, *Nigeria Magazin* (Lagos, 1962) e “African cultural survivals in the New World: The examples of Brazil and Cuba” (Lagos, 1978), “América Latina en África” (Madri, 1977), “El Brasil africano” (Madri, 1988) e “Métissage au Brésil” (Montreal, 1993), textos curtos nos quais ele aponta, especialmente ao público africano, a existência de semelhanças e paralelos da África com o Novo Mundo, fazendo ainda uma comparação entre o Brasil e Cuba. Alguns destes textos trazem fotos como exemplos. Esta mesma temática é abordada em inúmeras palestras e conferências, além de diversas exposições fotográficas. Neste caso, vemos, mais uma vez, a grande importância de Verger como mensageiro entre a África e o Brasil.⁴²

A ligação histórica entre os dois continentes nos permite abordar um outro tema trabalhado por Verger, referente à arte africana e, em especial, ao culto dos voduns: “Le culte des vodouns d’Abomey aurait-il été apporté à Saint Louis de Maranhão par la mère du roi Ghezo?” (Porto Novo, 1952); mais tarde, “Échanges de cadeaux entre rois d’Abomey” (Dakar, 1970); e, finalmente, “Uma rainha africana em São

⁴¹ Alfred Métraux, “Les indiens kamakan, pataso et kutaso”. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, tomo I (1929), pp. 238- 289.

⁴² Diversos dos textos menores foram publicados em revistas não necessariamente científicas. Encontram-se alguns textos na revista *Balafon*, da Air Afrique (1988) e em outras, como *El Paseante*, revista espanhola, voltada para a área de artes, em um número bilingüe (1988), na revista *Biv a Brac* de Brasília (1990), mais voltada para a área de literatura, além de na revista *Nigerian Magazin*.

Luís” (São Paulo, 1990). Os três textos abordam a história dos voduns em São Luís do Maranhão e sua relação com a família real do Benin, envolvendo a história da rainha exilada Na Agontimé e a curiosa presença do trono de um rei africano e de uma bandeira própria da corte daomeana no acervo do Museu Nacional no Rio de Janeiro. Enquanto o primeiro texto ainda é um levantamento inicial da questão, baseado nas primeiras recolhas orais de Verger em São Luís do Maranhão (1948) e no Daomé (em 1936 e desde 1948), o segundo já envolve pesquisas em arquivos e acervos museológicos e começa a utilizar a documentação fotográfica para a comprovação de seus argumentos, abordando detalhes da troca de presentes entre soberanos que vão além da história do trono real. O último texto fecha realmente a questão, divulgando todas as informações até então pesquisadas por Verger, acompanhadas por uma documentação fotográfica bem completa.⁴³ O estudo sobre a história do trono real mostra, de forma muito plástica, como Verger conseguia reunir questões históricas, artísticas e humanas, partindo do levantamento de dados oriundos da transmissão oral e da documentação fotográfica. O texto “African art outside Africa” (Dakar, 1966), bilingüe, traz algumas informações curtas a respeito de manifestações artísticas no Novo Mundo que podem ser enquadradas numa descendência africana. Cite-se ainda o trabalho realizado por Verger, juntamente com Clemente da Cruz (1969), referente à reestruturação do Museu Histórico em Uidá, criado pelos dois, dentro de um dos famosos fortes no litoral da costa africana, tão importantes para a sua história e diversas vezes abordados por Verger nas publicações já mencionadas, que resultou em um pequeno guia do museu. Mais tarde, a partir de 1976, participou ainda de um intercâmbio cultural que incluiu uma troca de peças entre o Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo e o Museu de Dakar, a exemplo do já efetuado, em 1959, para o Museu de Lagos, o Nigerian Museum. Ainda existe um pequeno texto de Verger “África negra” (São Paulo, 1988) no catálogo da exposição homônima África Negra, realizada pelo MASP em São Paulo, em 1988, onde Verger aborda as peças africanas expostas.

⁴³ O texto foi republicado como “Os que no Brasil permaneceram fiéis aos valores africanos. Na Agontimé” em *Os libertos*, pp. 66-86.

Poucas pessoas se lembram de que Verger teve uma participação fundamental na criação e instalação do Museu Afro-Brasileiro em Salvador. Encarregado pelo CEAO — a pedido e com verbas do Itamaraty — de adquirir as peças para este museu na África, Verger foi contratado pela UFBA, em 1974, passando a fazer parte de seu quadro. Durante o ano de 1975, adquiriu as peças, encomendadas em grande parte a artesãos africanos, e viabilizou trocas e empréstimos a outros museus. Após uma estada de quase três anos, de 1976 a 1979, em Ifé, como professor visitante, voltou à Bahia, preparando as legendas e os textos a serem expostos conjuntamente com as peças e fotos suas, que foram incluídas no acervo. A inauguração do primeiro módulo do museu aconteceu em 1982, representando apenas a primeira etapa de um projeto mais amplo e ambicioso.

Podem parecer curioso que Verger não tivesse publicado mais sobre arte africana, pois seu acervo fotográfico possui um grande número de fotografias que documentam objetos e obras de arte, na África e no Brasil, incluindo acervos como os do Museu do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Museu Estácio de Lima.⁴⁴ Há ainda material fotográfico a respeito da obra de pintores baianos famosos⁴⁵ na época de 1940-50, e da arte sacra de diversas igrejas, como a da Ordem Terceira de São Francisco, do Carmo, da Catedral Basílica, de São Bento, do Boqueirão, da Conceição da Praia, do Bonfim, da Boa Morte. Devemos, porém, entender o seu especial interesse pela arte africana num contexto maior, uma expressão cultural das pessoas, e, como tal, com uma função contextual, indispensável para a sua compreensão. Durante sua permanência, juntamente com Wande Abimbola, Olabiyi Yai, Ulli Beier, Wilfried Feuser e Adeagbo Akingjobin, nas recém-criadas uni-

⁴⁴ É importante ressaltar que estas fotos de Verger podem servir ainda como ajuda numa reconstituição do acervo do IGHB, que foi também documentado por Raul Lody em 1984 (Raul Lody. *Coleção culto afro-brasileiro: um documento do Candomblé na Cidade do Salvador*, Salvador/Rio de Janeiro, Fundação Cultural do Estado da Bahia/MinC/FUNARTE/INF, 1985, 145p.), antes de ter desaparecido, como foi ressaltado no texto "Os primeiros registros sonoros da música do Candomblé ou as armadilhas da pesquisa histórica na etnomusicologia", apresentado por Angela Lühning ao GT 19 da XX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), 1996 (manuscrito).

⁴⁵ Como exemplo, podemos citar "Rafael, o pintor". Este artigo foi publicado em *O Cruzeiro*, falando deste curioso artista que era, ao mesmo tempo, pintor e pai-de-santo. *O Cruzeiro*, 6 jan. 1951, pp. 62-65 e 82, com texto de Odorico Tavares.

versidades nigerianas, logo após a independência, nos anos 50, não era muito comum. nos meios acadêmicos, considerar a arte e cultura africanas como tais. Ao contrário, predominava ainda o conceito de cultura e arte primitivas. Neste contexto, é criado o *Extra-Mural Department* da Universidade de Ifé,⁴⁶ com uma visão muito mais iorubana, voltada para a cultura local. Surge um movimento de valorização da cultura iorubá, do qual Verger, com todas as suas pesquisas, faz parte. Mais tarde, quando esteve como professor visitante em Ifé, entre 1976 e 1979, Verger participou da elaboração de um manifesto, publicado no *campus* de Ifé, reivindicando um local de culto para as religiões tradicionais nigerianas. Dentro de uma pretendida visão ecumênica, faltava justamente esta religião, apesar de todas as outras estarem presentes. Este manifesto, publicado em 1977, foi assinado por Verger, Wole Soyinka, Wande Abimbola, Abdias do Nascimento, entre outros.

Um episódio relacionado com a arte motiva a sua maior decepção em relação à Nigéria. No momento da viagem de volta ao Brasil, em 1979, quando já beirava os seus 80 anos, ele foi preso, sob a alegação, entre algumas outras incabíveis, de estar envolvido no roubo da cabeça original de Olokum, descrita por Frobenius, em 1910, bronze original de Ifé até hoje desaparecido, possuindo o British Museum, em Londres, uma provável cópia desta escultura. Conforme a denúncia, a referida peça encontrava-se na casa de seu amigo Carybé, em Salvador. Uma vez levada de volta à Nigéria, ficou constatado que não passava de uma réplica, em gesso, do bronze exposto no museu londrino, onde fora adquirida.⁴⁷

Um outro grupo de publicações importantes são as que começam a surgir nos anos 50, abordando a questão das religiões africanas e afro-brasileiras, embora ainda timidamente, como “Une sortie de *iyawo* dans un village *nago* au Dahomey” (Porto Novo, 1951), descrevendo o ritual de iniciação de uma jovem para Ogum, com fotos e muitas letras de cantigas em iorubá e francês. “Un rite expiatoire: *Oma*” (Dakar, 1953),

⁴⁶ Para uma maior compreensão do contexto, recomenda-se o interessante texto de Ulli Beier, “Erinnerungen an Pierre Fatumbi Verger”. pp. 157-165.

⁴⁷ Mais detalhes sobre a história deste bronze e suas cópias encontram-se em William Fagg and Leon Underwood. “Examination of the so-called ‘Olokun’ head of Ife, Nigeria”. *Man*, 1 (1949), pp. 1-7.

em co-autoria com Alexandre Adandé,⁴⁸ é baseado em notas de campo de 1949, descrevendo um ritual expiatório que ocorre quando há uma profanação ou algum sacrilégio contra ou em relação a uma pessoa iniciada ou uma entidade, trazendo diversas letras em fon e francês. Só em 1954, é publicado o seu primeiro grande clássico, *Dieux d'Afrique*, que traz basicamente fotografias e uma resumida descrição do contexto ritual e de cada orixá.⁴⁹ Três anos mais tarde, publica-se *Notes sur les cultes des orisha et vodoun, à Bahia, la Baie de Tous les Saints au Brésil, et à l'ancienne Côte des Esclaves*. Trata-se de um livro monumental, descrito por Monot, no prefácio, como obra em que Verger apresenta uma enorme quantidade de material, reunindo pedra por pedra, não com a intenção de fazer uma obra sistemática e cientificamente organizada, mas a de trazer ao público o enorme acervo coletado durante as suas pesquisas exaustivas, a partir das quais, futuramente, alguém poderia construir um edifício inteiro.⁵⁰ Esta obra apresenta, além das suas próprias observações e descrições, uma vastíssima compilação dos mais diversos autores que já haviam escrito sobre o assunto. A parte mais importante deste livro, que foi o resultado das suas pesquisas entre 1949 e 1953 e de sua reclusão, por 18 meses, na Ilha de Gorée, com a finalidade de escrevê-lo, são, sem dúvida, os inúmeros orikis de todos os orixás ali reproduzidos, contituindo-se em um marco na história das religiões africanas e afro-brasileiras, pelo fato de apresentar esse corpus da literatura oral iorubá. As fotos de *Notes* são as mesmas de *Dieux*. É

⁴⁸ As publicações com Alexandre Adandé, futuro ministro da Agricultura e da Justiça do Benin, são basicamente dos anos 50.

⁴⁹ Este livro foi traduzido para o inglês por Willfried Feuser para ser publicado, em Ibadan, como "Gods of Africa", o que também, por razões desconhecidas, não se concretizou. *Dieux* foi um livro tão importante que se tornou um referencial para outros autores que, algumas vezes, até sem a devida identificação, o utilizaram como base, provavelmente por representar uma das publicações mais confiáveis e acessíveis na época. Ele foi copiado uma vez, praticamente na íntegra, incluindo alguns erros crassos de tradução para o português, e, uma segunda vez, foi utilizado como base para um livro infantil. Em nenhum dos dois casos houve indicação da fonte original. Num terceiro caso, além da citação, não indicada, de diversas páginas de *Fluxo e refluxo*, houve também a utilização indevida de muitas fotos de *Orixás*, transformadas em desenhos idênticos, sem que nenhum crédito fosse concedido a Verger ou à fonte original utilizada. Trata-se dos livros de José Ribeiro, *Orixás africanos*, Rio de Janeiro, Editora Espiritualista Ltda., 1961, de Ganymêdes José, *Na terra dos orixás*, São Paulo, Editora do Brasil, 1988 e, finalmente, de Zeca Ligiéro, *Iniciação ao candomblé*, Rio de Janeiro, Record, 1992.

⁵⁰ Verger, *Notes*, p. 7

interessante ressaltar que, nestes dois livros, encontram-se também fotos coloridas, que viriam a ser, depois daquela data, pouco usadas por Verger.⁵¹

Há diversos outros textos sobre religiões africanas e afro-brasileiras, muitos deles originalmente apresentados em congressos e colóquios.⁵² Uma comparação entre nomes de divindades brasileiras e africanas é feita em “Um estudo sobre as divindades iorubá, fon, banto com os lugares de culto no Brasil...” (UNESCO, 1985), que é uma compilação dos diversos nomes e tipos de orixás que Verger encontrou durante as suas pesquisas, e a sua contextualização. A temática dos orixás já havia sido abordada anos antes em *Orixás* (Salvador, 1951), uma pequena publicação com desenhos de Carybé e um texto curto com uma descrição resumida de cada orixá. Sobre o mesmo assunto, Verger escreveu para enciclopédias e dicionários, porque ele via como uma de suas tarefas fazer com que a religião dos orixás se tornasse mais conhecida e respeitada, falando e escrevendo nas mais diversas linguagens e extensões sobre este assunto. Há diversos textos menores que abordam esta questão — do texto mais acadêmico até o mais jornalístico. Como exemplo, podemos citar os verbetes: “Orixá”, publicado na *Enciclopédia Mirador Internacional* (São Paulo, 1974), incluindo 21 fotos; e “Yoruba. Mythes et religion et leurs prolongements afro-américains”, no *Dictionnaire des mythologies* (Paris, 1981), com 11 fotos, que abordam, resumidamente, uma temática que ele trabalhou de forma mais extensa em *Orixás*. De certa forma, estas publicações tiveram continuação na *Iconografia* (Salvador, 1980) de Carybé, onde também há um texto de Verger, que é praticamente idêntico ao do livro *Orixás, os deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, publicado em 1981, um dos livros que mais o tornou conhecido no Brasil. Um assunto não abordado em *Orixás* é o bori, ritual preliminar, descrito por Verger em “Bori, primeira cerimônia de iniciação ao culto dos òrìsà nagô na Bahia” (São Paulo, 1981), interessante pelos diversos desenhos gráficos e textos ali reproduzidos, cantados durante a cerimônia, que ilus-

⁵¹ O total das fotos coloridas existentes na FPV é de, aproximadamente, 1100 negativos, que datam da época em que ele era colaborador de *O Cruzeiro Internacional*, quando usou filmes coloridos a pedido desta revista.

⁵² Um exemplo é “Oshagiyán Festival at Ejigbo” * (1960), uma descrição da festa anual, acompanhada de fotos, publicada no *Nigerian Magazin*, em um número que, infelizmente, não se encontra na biblioteca da FPV.

tram os acontecimentos descritos. Foi originalmente publicado em 1955, com uma introdução de Roger Bastide, e também aproveitado em *Notes sur les cultes des orisha*.

Quanto às religiões afro-brasileiras, diversos textos que falam sobre o Brasil foram publicados ou apresentados na África. Em “Raisons de la survie des religions africaines au Brésil” (Paris, 1972), Verger dá, através de uma abordagem histórica, as razões para a existência, sobrevivência e força das religiões afro-brasileiras no Brasil, incluindo todas as nações. Uma abordagem interessante e pouco comum no seu ponto de partida é o texto “Les religions traditionnelles africaines, sont-elles compatibles avec les formes actuelles de l’existence?” (Paris, 1965), apresentado no encontro de Bouaké, organizado por ordens religiosas interessadas em compreender melhor as religiões tradicionais da África. Com este pano de fundo, Verger faz uma análise geral da situação das religiões africanas e dos conceitos normalmente usados para descrevê-las.⁵³ Em “African religions and the valorization of the Brazilians of African descent” (Ifé, 1976-77), Verger faz uma introdução geral da história das relações Brasil-África e discute as conseqüências para a cultura e religião de origem africana no Brasil, mostrando ao leitor africano o que havia de semelhante e de diferente no outro lado do Atlântico. O contrário ocorre no pequeno texto “Ogun Igbo-Igbo” (Brasília, 1990),⁵⁴ que analisa para o público brasileiro um ritual para este Ogun, muito cultuado em Ishede, no Benin, fronteira com a Nigéria.

No grupo de textos que falam sobre as religiões africanas, deve ser incluído o texto “Etnografia religiosa iorubá e probidade científica”

⁵³ Ver também “Tentative d’alienation, syncretisme et résistance religieuse des africains transportés autrefois au Brésil”, texto apresentado ao colóquio “La négritude à l’Amérique Latine” (Dakar, 1974), em que ele aborda as diversas formas de reação dos escravos ao meio opressor dos senhores brancos, incluindo as alianças e negociações possíveis. Quanto ao texto “The status of yoruba religions in Brazil”, apresentado, em 1976, na Universidade de Ifé, não sabemos se posteriormente chegou a ser publicado. Nele Verger descreve a situação histórica das religiões africanas no Brasil, incluindo uma visão geral das diversas formas como se apresentam em diferentes regiões.

⁵⁴ Este pequeno artigo, publicado numa revista muito mais voltada para questões literárias, está acompanhado de uma entrevista com Verger. O texto publicado em seguida é uma versão modificada do capítulo de *Orixás* que aborda Ogun. É importante ressaltar que as fotos que ilustram o artigo e dois orikis traduzidos para o português não são idênticos aos publicados em *Orixás*.

(Rio de Janeiro, 1982), difícil de ser considerado em um dos outros grupos temáticos. No centro da abordagem, encontra-se a questão da interpretação de dados e textos históricos, referentes à religião. O texto revela posturas éticas e metodológicas de Verger, mostrando de que forma ele trabalha com informações orais e textos mais antigos de viajantes, padres e outras fontes e defende uma interpretação cuidadosa que leva em conta o contexto do surgimento destes textos, sem aplicar teorias preconcebidas.

Diversas vezes se ocupa do chamado sincretismo religioso: em “Syncretisme” (Paris, 1983), publicação com diversas fotos, tenta abordar o chamado sincretismo religioso na sua dimensão histórica, mostrando possíveis hipóteses para o seu surgimento e com um enfoque parecido com o de “Afro-catholic syncretism in South America”.⁵⁵ A mesma questão aparece também no centro da publicação “African cultural survivals in the New World: the examples of Brazil and Cuba” (Lagos, 1978), acompanhada também por fotos. Além disso, existem trechos em diversas outras obras que abordam a questão do sincretismo, que deixam de ser aqui mencionadas.⁵⁶

A questão do transe é focalizada no texto “Rôle joué par l'état d'hébétude au cours de l'initiation des novices au culte des *orisha* et *vodun*” (Dakar, 1954) e, mais tarde, também numa conferência pronunciada na Bahia (1955) “O estado de ‘ere’”, publicada nos Anais da 2ª Reunião de Antropologia (Salvador, 1957), uma tradução do primeiro texto, que abordam o estado de transe intermediário, o chamado estado de *erê*. O texto “The role of trance in yoruba worship”, conferência proferida em Ifé, mais tarde é transformado em “Trance states in orisha

⁵⁵ Este texto foi apresentado em Ifé e existe como manuscrito na FPV, que traz, no final, a informação de que teria sido publicado no *Nigerian Magazin*, nº 78. Infelizmente, não tive como averiguar, porque este número da revista não faz parte do acervo da FPV. Um outro texto que poderia ser incluído aqui é “West African religions and modern forms of living”, apresentado ao Extra-Mural Department da Universidade de Ibadan, em 1959 (20 p.), onde ele aborda diversos aspectos do sincretismo.

⁵⁶ Uma das explicações que Fatumbi costumava repetir para a questão do sincretismo era a dada por Balbino, o pai-de-santo do Axé Opô Aganju, que comparou a convivência entre o Candomblé e o Catolicismo da seguinte forma: é como água e azeite dentro de um cálice, estão juntos, dentro de um mesmo recipiente, mas mesmo assim não se misturam. A mesma coisa acontece com as duas religiões: elas convivem lado a lado, mas não se misturam.

worship” e publicado na revista *Odu*, em 1963. Neste texto, Verger aborda as diversas tentativas de explicação e as teorias acerca do estado de transe na literatura antropológica e sociológica, completando e exemplificando com descrições dos diversos cultos aos orixás na África e no Novo Mundo. Sobre a mesma temática escreveu ainda “Trance and convention in nagô-yoruba spirit mediumship” (London, 1969), que se baseia, em parte, em “Une sortie de *iyawo* dans un village *nago* au Dahomey” (Porto Novo, 1951), e descreve diversos rituais observados por Verger, culminando com a descrição de uma festa para Ogum Edeyi em Ilodo, na Nigéria, incluindo a tradução das letras das músicas cantadas na ocasião. Em “Transe de possession religieuse chez les yoruba et les fons de Nigéria et de la République du Bénin et chez les descendants au Nouveau Monde”, texto apresentado/publicado em um colóquio em Nice em 1985-86, Verger destaca as diferenças entre as formas de cultuar os orixás na África e no Novo Mundo. Na África, o orixá é uma herança familiar, enquanto no Brasil é uma responsabilidade mais individual, que não pode ser delegada. Ele ainda aborda a questão do sincretismo, dos arquétipos e, finalmente, das diversas formas de transe. O texto é acompanhado de muitas fotos, parte da exposição realizada durante o colóquio.⁵⁷ A questão do transe também é abordada em um capítulo de *Notes* e em *Orixás*, que retoma a pesquisa iniciada com *Notes*, porém se volta para um público menos científico, abordando, de forma mais simples, o universo dos orixás na África e no Novo Mundo, em um texto denso, porém não pesado, acompanhado por fotografias. A novidade deste livro está nas descrições de arquétipos que remetem à questão, levantada anteriormente, referente ao que é inato numa pessoa.

Um dos textos mais procurados, e publicado diversas vezes, é o que aborda o poder feminino na forma das mães ancestrais, baseado em histórias de tradição oral, *itan*, do domínio dos babalaôs: “Grandeur et décadence du culte de *Ìyámi Òsòròngà* (ma mère la sorcière) chez les yorouba” (Paris, 1965), mais tarde publicado duas vezes em português, uma vez excluindo os *itan* (1992) e a outra com estes (1994).⁵⁸ A posi-

⁵⁷ Na mencionada publicação ainda consta a transcrição de uma discussão com diversos convidados, entre eles Verger (pp. 219-233).

⁵⁸ Ainda existe uma tradução do mesmo texto para o italiano, também sem os *itan*, publicada em 1997

ção das mulheres no Candomblé é abordada em “A contribuição especial das mulheres ao Candomblé do Brasil” (1985), um texto curto, pouco conhecido, que aborda diversos aspectos da vida das mulheres ligadas ao Candomblé, em confronto com a vida na África, apresentado em São Luís do Maranhão durante um encontro organizado pela UNESCO, e republicado no volume *Artigos* (Salvador, 1992), em conjunto com aquele sobre as Iyamis. Tematicamente, poderíamos fazer uma ponte com a já mencionada publicação da história de Na Agontimé.

Neste grupo de textos sobre a religião podem ser incluídos ainda “La société egbé òrun des àbíkú, les enfants qui naissent pour mourir” (Dakar, 1968), mais tarde publicado pela revista *Afro-Ásia* (Salvador, 1983), abordando a questão das crianças que morrem, antes de se tornarem adultos, incluindo uma grande quantidade de *itan*, e “The yoruba High God” (Ibadan, 1966), onde, trabalhando basicamente com fontes de viajantes, missionários e antropólogos, aborda a estrutura religiosa da cultura iorubá e a idéia de um Deus supremo. As diversas opiniões desses autores são analisadas e revistas frente às influências de religiões como o Cristianismo e o Islamismo, ou frente à luz do termo ‘axé’, que expressa uma força maior. “Notion de personne et lignée familiale chez les yoruba” (Paris, 1971), apresentado originalmente num colóquio do CNRS, no mesmo ano, faz uma ligação entre a questão da formação da personalidade da pessoa e a organização social, por esta razão tido por Verger como texto de cunho sociológico.

No grupo das publicações que podem ser consideradas de temática e abordagem sociológicas, há algumas escritas em co-autoria com colegas, especialmente com Roger Bastide e Alexandre Adandé nos anos 50. Em 1958, Bastide viajou com Verger pela África Ocidental — por dois meses e meio — e escreveu cinco artigos sobre esta viagem, destinados à revista *O Cruzeiro*, embora, ao que consta, nunca tenham sido publicados. Verger menciona neste grupo um outro texto escrito em colaboração com Roger Bastide: “Contribution à l’étude sociologique des marchés nago au Bas-Dahomey” (Paris, 1959), que se baseia na pesquisa desenvolvida pelos dois amigos na África, em 1958, e descreve a organização interna dos mercados, analisando as suas redes de contato,⁵⁹ texto pu-

⁵⁹ O texto original era mais longo e foi apresentado num congresso na Universidade de Ibadan, em 1958. Só a versão reduzida foi finalmente publicada.

blicado muitos anos depois em português (Salvador, 1992). Jovens que se reúnem no Dahomey para um desafio musical entre oponentes preparados e protegidos por poções mágicas e amuletos é o assunto de “Tam-tam Avohu” (Dakar, 1953), escrito em colaboração com Alexandre Adandé. O texto traz também as letras das canções em fon e a sua tradução em francês. Em “Conditions de vie des esclaves à Bahia au XIX^e siècle et leur emancipation” (1969)*, provavelmente uma versão do capítulo VIII de *Fluxo e refluxo*, que traz o mesmo título, Verger trabalha basicamente com anúncios de jornais a respeito de escravos fugidos e à venda.⁶⁰ Aqui também podemos incluir o texto “Processions et carnaval au Brésil” (Paris, 1976), em que parte da descrição do barroco em Bastide.⁶¹ Abordando especialmente o barroco de rua, Verger analisa a vida festiva das ruas, as procissões religiosas com o seu aspecto exuberante e os paralelos com as festas carnavalescas de tempos mais recentes.⁶²

Um dos temas de que se ocupou por mais tempo foi, sem dúvida, a abrangência da cultura oral e seus processos de transmissão e memorização. Especialmente os temas de Ifá e da etnobotânica se beneficiam destes conhecimentos orais, além da religião dos orixás já abordada. Antes de escrever exclusivamente sobre Ifá ou a etnobotânica, Verger publicou diversos outros trabalhos menores que abordavam a questão da transmissão de conhecimento. A parte poética e mnemotécnica é abordada em “Automatisme verbal et communication du savoir chez les yoruba” (Paris, 1972), onde discute a questão da memória coletiva e da transmissão oral a partir da força que a palavra pronunciada tem para os iorubás, analisando, em seguida, os diferentes processos lingüísticos para realização deste objetivo. O texto inclui um subcapítulo botânico, sobre o sistema iorubá de classificação de plantas. Existe ainda uma

⁶⁰ Pelo fato de não dispormos do texto no acervo da FPV, não é possível entrar em mais detalhes ou comparar os textos. Verger incluiu-o no grupo dos textos de cunho sociológico.

⁶¹ Roger Bastide, *Imagens do Nordeste místico em branco e preto*. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1945. O texto de Verger foi escrito em homenagem a Bastide.

⁶² Este pequeno texto, traduzido mais tarde para o português, deveria ser examinado entre todas as pesquisas feitas por Verger sobre o carnaval baiano, pois ele reuniu um grande acervo fotográfico documentando esta tradição nos anos 40 e em décadas posteriores. Na revista *O Cruzeiro*, também há alguns textos sobre afoxés, festas de largo, a segunda-feira gorda da Ribeira, samba e outros temas correlacionados com o carnaval.

interessante complementação, o praticamente desconhecido escrito sobre os baixos-relevos do Palácio de Abomey, “Note on the bas-reliefs in the Royal Palaces of Abomey” (Ibadan, 1957), que analisa como os desenhos ali encontrados ajudam na memorização de dados históricos. Neste grupo de textos que abordam a questão da transmissão oral também podemos incluir: “Oral tradition in the cult of the orishas and its connections with the history of the yoruba” (Ibadan, 1956), publicado numa versão resumida, e “Oriki e Mlenmlen” (Paris, 1965), que foi publicado numa coletânea de textos sagrados da África Negra, organizados por Germaine Dieterlen. Este último traz basicamente transcrições de orikis, já publicados em *Notes*.

Durante diversas décadas, Verger se envolveu com a questão do poder das plantas medicinais e suas atribuições tanto litúrgicas, quanto relativas à adivinhação. Obviamente, este interesse tinha uma ligação íntima com todo o complexo conhecimento dos babalaôs voltado para a divinação, e os dois aspectos juntos constituem, de certa forma, o centro da força da cultura iorubá. Um dos planos de Verger era escrever ainda um livro sobre Ifá, conforme ele anunciava desde “Automatisme verbal”, embora, infelizmente, não tenha concretizado. Só existem alguns trabalhos menores de Verger sobre o tema, porém nem todos localizados e disponíveis.⁶³

O primeiro texto publicado sobre adivinhação foi escrito em parceria com Bastide “Contribuição ao estudo da adivinhação em Salvador (Bahia)”, em 1953 (São Paulo). Trata-se de um dos primeiros sobre o assunto em português, que também traz uma grande quantidade de gráficos e tabelas ilustrativas. O livro *Dílógún-Brazilian tales of divination, discovered in Bahia* (Ibadan, 1989), praticamente desconhecido no Brasil, foi publicado numa edição bilingüe (português-inglês) na Nigéria e baseia-se no texto original e manuscrito de tia Agripina, do Afonjá do Rio de Janeiro, relatando as histórias de odu conhecidas e transmitidas naquela casa. Este texto chegou às mãos de Mãe Senhora,

⁶³ Entre os textos não disponíveis na FPV, mas talvez publicados, inclui-se a comunicação “Oralité et divination par Ifá” * (1972), apresentada em Chantilly, ao encontro “Afrique et langage”. Um outro texto é “Les formes syncretiques du culte d’Ifa en Nigeria” *, apresentado, em 1963, em Bouaké, ao encontro sobre sincretismo, que deveria ter sido publicado pelas Éditions du Seuil.

que o emprestou a Verger.⁶⁴ Uma pequena parte deste livro foi publicada em inglês como “Yoruba tales from Brazil” (Port Harcourt, 1980). Em relação à temática das histórias e do conhecimento do culto de Ifá, Verger sempre quis completar suas anotações, para conseguir finalizar as suas pesquisas, realizadas, até 1979, na Nigéria.

É importante observar que Verger menciona, já nos anos 50, pesquisas relativas à etnobotânica e a Ifá, pois as duas áreas se nutrem do conhecimento transmitido oralmente pelos babalaôs. Na lista das publicações referentes à etnobotânica, podemos observar que a grande maioria surge no final de sua vida, embora trabalhasse desde os anos 50 sobre plantas e seus usos rituais, em conexão com o conhecimento do babalaô. Só algumas datam de época anterior, resultado das pesquisas realizadas quando morou na Nigéria, entre os anos 1963 e 1966, quando preparou a sua defesa de tese e doutorado na Sorbonne, em 1966. A primeira publicação sobre plantas medicinais é *Awon ewé Osanyin. Yoruba medicinal leaves* (Ifé, 1967), mais tarde base para *Ewé*. Este pequeno livro, em iorubá e inglês, traz textos orais recitados por babalaôs nos casos em que as histórias de odu remetem à utilização de folhas, com versos que obedecem a uma lógica e estrutura próprias. A utilização correta das folhas medicinais é memorizada pelos babalaôs a partir de pequenos versos, dos quais Verger coletou cerca de 2000, tendo divulgado 180 deles na referida publicação e mais 15 numa menos extensa, intitulada “The poetry of yoruba leaves” (Ibadan, 1967), ressaltando nestes textos especialmente os aspectos estéticos. Na mesma ocasião em que publicou estes dois trabalhos, também escreveu um outro pouco conhecido, “Tranquilizers and stimulants in Yoruba pharmaceutics” (Ibadan, 1966), originalmente apresentado num congresso, que relata as experiências curiosas de um médico, Dr. Lapeyssonie, na época diretor de um hospital em Ouidah, com a *Rauwolfia serpentina* e a *Sabicea calycina*, texto mais tarde publicado em alemão, “Tranquilizer und Stimulanzien in der Behandlung durch Pflanzen bei den Yoruba” (Essen, 1985), em uma

⁶⁴ Soube, há pouco tempo, que Reginaldo Prandi (USP) chegou a localizar a pessoa que de fato redigiu o manuscrito, o grande babalaô do Rio de Janeiro, Prof. Agenor Miranda Rocha, que colhe as histórias, contadas pela finada Vô Aninha. Um livro, abordando a trajetória destas histórias, acabou de ser lançado: Agenor Miranda Rocha, *Caminhos de Odu* (org. Reginaldo Prandi), Rio de Janeiro, Pallas, 1999.

revista organizada pelo escritor alemão Hubert Fichte, que realizou suas pesquisas de etnobotânica no Brasil nos anos 80. Só após a divulgação dos textos dedicados à parte lingüística dos versos recolhidos aos baba-lôs, Verger começou a publicar a respeito da parte botânica. Lembre-se que ele colecionou plantas durante muitos anos, constituindo um herbário **identificado** e **classificado** cientificamente pelo Serviço Botânico, em Ibadan, posteriormente mandado para Paris, conforme cartas de 1970, confirmando o envio de 1210 plantas, em 1969. Além disso, Verger possuiu um herbário de cerca de 150 plantas da flora baiana, organizado com pessoas do Candomblé, como Mãe Senhora e Olga do Alaketu, depois cientificamente **identificadas** e **classificadas** pelo professor Alexandre Leal Costa, da UFBA. herbário que mais tarde foi doado ao Departamento de Botânica do Instituto de Biologia da UFBA (1976).

A partir daí, a atenção de Verger vai muito além de uma descrição botânica, segundo as normas do sistema de Lineu: ele aborda o sistema iorubá de classificação das plantas, até então completamente desconhecido do grande público. São publicados: “The use of plants in Yoruba traditional medicine and its linguistic approach” e “Poisones (oro) and antidotes (ero)” (ambos Ifé, 1976-77), trabalhos que talvez possam ser vistos como preparativos de sua grande publicação *Ewé. O uso das plantas na sociedade iorubá* (São Paulo, 1995). Depois destes dois trabalhos, durante anos não escreve sobre o assunto, tentando montar um grande quebra-cabeça, que foi o seu muito esperado livro *Ewé*, onde, de certa forma, ele retoma a linha do estudo lingüístico, indicando os diversos *ofô* e a função do verbo atuante. Do corpo do livro constam ainda diferentes índices com todas as indicações **botânicas possíveis**, apesar de não abordar a parte das plantas dentro do contexto baiano. Este não constitui o seu último texto sobre a questão: segue-se, ainda, uma série de escritos, preparados em seus últimos anos de vida — alguns só publicados após a sua morte —, como “Del papel de las plantas psicoativas durante la iniciación a ciertas religiones africanas” (Tarapoto, 1995), em que ressalta o papel das plantas durante a iniciação para reforçar características pessoais inatas e afastar influências recebidas pela educação, assim fortalecendo a personalidade do neófito. Outros textos sobre a questão foram escritos em colaboração com Ming Anthony, uma etnobotânica

francesa: “Gun: plantes a action tonifiante et stimulante chez les yoruba en Afrique et au Brésil” (1991), tratando dos remédios estimulantes; “Isoye: médications de la mémoire chez les yoruba en Afrique et au Brésil” (Paris, 1996), abordando a questão de remédios que fortalecem a memória; “A la recherche des plantes perdues, les plantes retrouvées par les descendants culturels des yoruba au Brésil” (Paris, 1995), estabelecendo uma relação entre as plantas utilizadas nos diversos rituais nos dois lados do Atlântico. Os textos “Le corps mystique dans la tradition yoruba: Sanponna et la peau” (Paris, 1997) e “Sanponna, god of variola and his remedies in the tradition yoruba” (1997) abordam, especialmente, a farmacologia referente às plantas de Omolu/Sampona, incluindo, no caso do penúltimo texto, diversas informações a respeito do lado místico de Omolu, a sua ligação com os mais diversos tipos de plantas, além de analisar a preparação de 66 remédios relacionados com problemas de pele. Todos estes textos, publicados a partir de 1991, além da identificação científica das plantas, ocupam-se de diversos aspectos da medicina tradicional na Nigéria e no Brasil. É fundamental ressaltar que, em um estudo de classificação e reclassificação das plantas africanas pelo Dr. Burkill em Londres (Kew Garden, o Jardim Botânico), um grande número de plantas foi citado conforme as pesquisas desenvolvidos por Verger durante as décadas anteriores.⁶⁵

Verger escreveu sobre experiências de pesquisas desenvolvidas com alguns dos seus melhores amigos. Sobre seu grande amigo Alfred Métraux, que considerava seu irmão gêmeo, pois haviam nascido com apenas cinco horas de diferença, Verger escreveu “Trente ans d’amitié avec Alfred Métraux, mon presque jumeau” (Paris, 1992), além de ter participado, de forma decisiva, na preparação da publicação da correspondência entre ambos “*Le pied à l’étrier*” (coordenado por Le Boulter), quando Métraux já tinha trinta anos de morto. Da mesma forma, escreveu sobre as atividades de pesquisa de Roger Bastide, seu outro grande amigo, na África, onde foi seu cicerone: “As múltiplas atividades de Roger Bastide na África (1958)” (São Paulo, 1993), publicado posteriormente em francês (1994).

⁶⁵ As publicações do Kew Garden são uma espécie de índice etnobotânico da flora da África Ocidental.

Considerando que estes artigos abordam, além dos aspectos relacionados com as pesquisas dos seus amigos, obviamente, também aspectos autobiográficos, deveria ser mencionado também um publicado sobre a litografia de seu pai, “La litho de mon père” (Paris, 1994), ressaltando alguns aspectos de seu passado pessoal. Neste grupo de textos autobiográficos, poderia ser incluído um outro, pouco conhecido, que, aparentemente, também aborda aspectos que poderíamos classificar como de ordem metodológica, ou de definição de áreas, até intuindo futuros desenvolvimentos na antropologia visual. Trata-se de um trabalho muito curto, “Ethnographie et photographie” (Lucerne, 1954), publicado em inglês, francês e alemão, onde Verger discorre sobre seu estilo de fotografia, ressaltando aspectos pessoais. O pequeno texto “Souvenirs de reportage. *Paris Soir* (1934-35)” (Paris, 1990), fala do tempo em que fazia reportagens para esta revista. Um dos seus livros de fotografia também inclui aspectos autobiográficos: trata-se de *50 anos de fotografia* (Salvador, 1982), em que, talvez como em nenhum outro, fica mais do que perceptível o estilo pessoal de Verger, que tinha uma capacidade de tornar vivas as suas palavras, como se fossem imagens animadas. Não podemos deixar de mencionar a publicação de notas autobiográficas em português, que se baseiam no texto traduzido de *Le Messager*, revisto pelo próprio Verger: “Algumas datas na vida de Pierre Verger” (Salvador, 1995).⁶⁶

Neste contexto de textos autobiográficos também devem ser mencionados textos preferidos de Verger, que expressam algo fundamental. Dois dos livros de que muito gostava são *Notícias da Bahia-1850* (Salvador, 1981) e *Os libertos. Sete caminhos na liberdade de escravos da Bahia no século XIX* (Salvador, 1992). O primeiro, planejado original-

⁶⁶ Podemos remeter as pessoas que tiverem interesse em mais informações autobiográficas às diversas entrevistas feitas com Verger, muitas vezes colocando na sua linguagem pessoal as suas vivências, experiências e reflexões. Não podemos deixar de mencionar Ulli Beier, amigo e colega de muitos anos de convivência na Nigéria, que publicou o pequeno artigo “Erinnerungen an... (1997), já citado anteriormente, e um segundo, em que aborda as suas próprias experiências na mesma época em que Verger viveu na Nigéria: “An einer kolonialen Universität”, in *Überschreitungen. Truckster Jahrbuch Bd.1* (Wuppertal, Perter Hammer Verlag, 1997), pp. 83-112. Podemos citar ainda uma publicação de Emmanuel Garrigues, que traz uma entrevista bastante esclarecedora, pois aborda alguns aspectos de sua metodologia de trabalho e sua visão estética: “Entretien avec Emmanuel Garrigues. Pierre Verger”, in *L’Ethnographie. Numéro Spécial. Ethnographie et photographie*, CXXXIII année, tomo LXXXVII, 1 (1991), pp. 145-178.

mente para ser publicado em francês, escrito no estilo de uma história social dos costumes na capital baiana, envolvendo todos os grupos sociais da cidade e seus contatos mútuos, exprimia, para ele, a mensagem da cultura negra, que se impunha com muita força no âmbito da história baiana. O livro *Os libertos*, por sua vez, mostra, a partir de sete histórias de vida — o título provisório foi durante muito tempo “*As sete vidas*” — as diversas opções que os escravos africanos escolhiam ao serem libertos, fossem formas de adaptação e/ou de resistência. Gostava muito também de um dos últimos álbuns fotográficos, *Retratos da Bahia* (Salvador, 1981), que, como *50 anos de fotografia*, apresenta muitos traços autobiográficos, e de *Centro Histórico de Salvador* (Salvador, 1989), que mostra a Bahia pela qual tinha se apaixonado quando aqui chegou em 1946.⁶⁷

Convém ressaltar como estes últimos parágrafos nos remetem ao início deste texto, quando observamos a versatilidade de Verger e a sua linguagem visual poética, que perpassam tantos “gêneros” estilísticos e temáticos diferentes, se assim podemos caracterizar a amplitude de sua expressão. É importante ressaltar a linguagem especial e singular de Verger: com as suas publicações, ele conseguiu se comunicar com públicos bem diferentes. Muitas vezes, as suas publicações com fotografias da África e do Brasil faziam com que as pessoas quisessem conhecer o que ele retratava. O olhar de Verger certamente foi fundamental para uma outra nova visão da cultura afro-brasileira e africana, porque abriu e criou uma nova forma de as pessoas olharem. Quando Verger começou a fotografar, a grande maioria ainda não estava acostumada a enxergar o lado estético da cultura africana e afro-brasileira.⁶⁸ O seu estilo fotográfico, que mostrava sempre o vivo, o momento espontâneo e nunca o artificialmente arranjado, se complementa com o estilo escrito, das legendas das fotos. Não faltam humor, ironia e

⁶⁷ A encenação que foi feita de *Retratos da Bahia* pelo Balé do Teatro Castro Alves (coreografia de Debby Growald) causou uma grande alegria a Verger, pois transformou as suas belas fotos em movimento.

⁶⁸ Parece que até hoje não existe nenhum trabalho que tenha feito uma avaliação da estética e da técnica fotográfica na obra de Verger. Podemos apenas indicar, além do já citado texto de Garrigues, um segundo do mesmo autor sobre esta temática: Emmanuel Garrigues, “Alfred Métraux et Pierre Verger. ethnologie et photographie”, in *Présence d’Alfred Métraux* (Paris, 1992), pp. 115-139.

autocrítica. Nos seus textos científicos, deixava falar as fontes históricas, os seus informantes, a experiência de vida, detestando teorias e preferindo os fatos da vida, devidamente colocados nos seus contextos históricos e, obviamente, obedecendo às regras acadêmicas. Não podemos deixar de mencionar que Verger não somente observava, fotografava, anotava e gravava, como também que chegou a realizar alguns filmes e vídeos, a partir dos anos 70. “Les molécules sacrées”, realizado em 1972, mais tarde transformado em “Transex de possession religieuse au Dahomey” (1972), aborda a questão da etnobotânica e contou com a colaboração do biólogo francês Jean-Marie Pelt e, a seguir, “Brésiliens d’Afrique et africains du Brésil” (1975), baseado em imagens registradas a partir de 1973. Existe também um vídeo sobre o carnaval do final dos anos 40, “Carnaval no Brasil nos anos 40”, baseado em fotografias suas desta época, apresentado em Nice⁶⁹ e em São Paulo em 1984. Em 1990 ainda realizou o vídeo “A-tun Padê”, que mostrava as relações mútuas entre a Bahia e a África Ocidental.⁷⁰

É curioso observar que Verger, de certa maneira, antecipa as mais recentes transformações na área da antropologia, que se volta para uma maior interação entre o sujeito estudado, o ator social, e o sujeito estudioso, o observador,⁷¹ porém, na verdade, o estilo de Verger não se enquadra em nenhuma vertente, teórica ou ideológica, mantendo-se ele independente de “gavetas” ou classificações. Este fato nos remete novamente à questão da interdisciplinariedade: usando diferentes linguagens, entre elas a fotografia, o filme, a palavra escrita e a gravação sonora, passou constantemente pelas mais diversas áreas temáticas e disciplinas. Ele se manteve fiel a certas idéias, a um estilo de vida e um caminho próprio. Embora nem sempre soubesse o que queria, sabia o que não queria, como ressaltou em diversas entrevistas. Porém, talvez sem que se apercebesse, inconscientemente ele fez o que, no fundo de seu ser, queria, apenas confirmando o que tanto ressaltava em relação

⁶⁹ Durante o Festival Brasileiro, ao colóquio “O Mediterrâneo nas tradições brasileiras e sua influência na música popular e culta”, organizado pelo musicólogo brasileiro Luis Heitor Correa de Azevedo.

⁷⁰ Recebemos informações de que Verger teria filmado, já durante os anos 50, embora não tivesse ficado com este material, informação que, infelizmente, não pudemos confirmar.

⁷¹ Como autores destas novas vertentes podemos mencionar, entre outros, Erving Goffman, Alain Touraine, Ulf Hannerz e Alain Coulon.

ao inconsciente, especialmente ligado à religião: a sua extrema importância! Talvez mais correto seria dizer que a obra de Verger é simplesmente humana, tanto em sua origem quanto em sua aplicação, na essência e na linguagem. Aliás, uma obra que só em parte foi publicada, aguardando ainda muitas possíveis descobertas e surpresas futuras.⁷²

⁷² Um dos prováveis resultados deste levantamento exaustivo da bibliografia de Verger será a preparação de diversos manuscritos inéditos para futuras publicações. Existem inúmeros textos em formato de reportagem, do tempo em que ele trabalhou para *O Cruzeiro*, escrevendo e fotografando, que, em sua grande maioria, não foram publicados. Além disso, temos a certeza de que há ainda a possibilidade de publicar outros textos inéditos, além de gravações musicais, fotos, inclusive inúmeras correspondências, que podem vir a ser descobertas em todo o acervo de anotações e manuscritos guardados na biblioteca da Fundação Pierre Verger.

Bibliografia de Pierre Fatumbi Verger

A bibliografia a seguir traz todas as informações a respeito das publicações das quais temos conhecimento e fazem parte do acervo da Fundação Pierre Verger. É possível que existam outras publicações. Os textos inéditos, apresentados em congressos ou outras ocasiões, em parte comentados aqui — sem que tivéssemos certeza de sua posterior publicação —, não foram incluídos. A bibliografia está organizada em ordem cronológica.

- 1 *South Seas Islands*. Prefácio de R. Burnett. London, Routledge, 1937, 48 fotos, 56p.
- 2 *Mexique*. Notas de Jacques Soustelle. Paris, Paul Hartmann, 1938, 170 fotos, 144p.
- 3 *Fiestas y dansas en el Cuzco y en los Andes*. Prefácio de Luiz Valcarcel. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1945, 148 fotos, 176p.
- 4 *Indians of Peru*. Prefácio de Luiz Valcarcel. Chicago, Pocahontas Press, 1950, 87 fotos, 192p.
- 5 Pierre Verger, A. Bom, M. Gautherot. *Brasil*. Prefácio de Alceu Amoroso Lima. Paris, Paul Hartmann, 1951, 217 fotos, 144p.
- 6 Pierre Verger, J. Huet, J. Y. Claes, S. de Sacy. *Viet Nam*. Prefácio de Paul Lévy. Paris, Éditions Hoa Quy, 1951, 73 fotos, 90p.
- 7 *Orixás*. Coleção Recôncavo, vol. 10. Salvador, Tipografia Beneditina Ltda., 1951, 38 figuras de Carybé.
- 8 “Une sortie de *iyawo* dans un village *nago* au Dahomey”. *Études Dahoméennes*, VI. (Porto Novo), 1951, 4 fotos, pp. 11-26.
- 9 *Congo Belga*. Introdução de Charles d'Ydewalle. Paris, Paul Hartmann, 1952, 222 fotos, 144p.
- 10 “Cartas de um brasileiro estabelecido no século XIX na Costa dos Escravos”. *Anhembi*, ano II, vol. VI, n.º 17. (São Paulo), 1952, pp. 212-253.
- 11 “Le culte des vodoun d'Abomey aurait-il été apporté à Saint Louis de Maranhão par la mère du roi Ghèzo?”. *Études Dahoméennes*, VIII. (Porto Novo), 1952, pp. 19-24. Obs.: Também in *Les Afro-Américains*, 27. Mémoire de L'Institut Français d'Afrique Noire, IFAN, (org. Pierre Verger). Dakar, 1953, pp. 157-160.

- 12 Pierre Verger, Roger Bastide. "Contribuição ao estudo da adivinhação no Salvador, Bahia". *Revista do Museu Paulista*, vol. VII. (São Paulo), 1953, 16 figuras, pp. 357-380.(Ver 75).
- 13 Pierre Verger, Alexandre Adandé. "Tam-tam Avohu". *Notes Africaines*, n.º 59. (Dakar), 1953, 7 fotos, pp. 72-76.
- 14 "L'influence du Brésil au Golfe du Bénin". In *Les Afro-Américains*, 27. Mémoire de L'Institut Français d'Afrique Noire, IFAN, (org. Pierre Verger). Dakar, 1953, 16 fotos, pp. 11-101.
- 15 Pierre Verger, Alexandre Adandé. "Un rite expiatoire: *Oma*". *Notes Africaines*, n.º 58. (Dakar), 1953, 5 fotos, pp. 41-46.
- 16 "Rôle joué par l'état d'hébetude au cours de l'initiation des novices au culte des *orisha* et *vodun*". *Bulletin de l'IFAN*, vol. XVI, n.º 3 e 4, Série B. 1954, 4 fotos, pp.322-340. (ver 25)
- 17 "Ethnographie et photographie". *Camera*. n.º 10. (Lucerne), 1954, 18 fotos, pp. 434-445 e 468-469. (Obs.: O texto curto vem em francês, inglês e alemão.)
- 18 *Dieux d'Afrique*. Prefácio de Th. Monod e R. Bastide. Paris, Paul Hartmann, 1954, 159 fotos, 192p.
- 19 "Magie noire, magie blanche". *Point de Vue*. (Paris), 28 de out. 1954, 20 fotos, pp. 10-13.
- 20 "Première cérémonie d'initiation au culte des orisha nago à Bahia au Brésil". *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol. IX. (São Paulo), 1955, 1 figura, pp. 269-291. (ver 77)
- 21 "Yoruba influence in Brazil". *Odù, Journal of Yoruba and Related Studies*, n.º 1. (Ibadan), 1955, 6 figuras, pp. 3-11.
- 22 *Bahia de tous les poètes*. Introdução de A. Frigout. Lausanne, La Guilde du Livre, 1955, 60 fotos, 96p.
- 23 W. Bishof, Pierre Verger, R. Franck, G. Arnaud. *Indiens pas morts*. Paris, R. Delpire, 1956, 77 fotos, 166p.
- 24 "Oral tradition in the cult of the Orishas and its connection with the history of the Yoruba". *Journal of the Historical Society of Nigeria*, vol. 1, n.º 1. (Ibadan), 1956, pp. 61-63. (Resumo de comunicação de 20 páginas.)
- 25 "O estado de 'ere'. Papel desempenhado pelo estado de alheamento durante a iniciação de 'iyao' nos cultos de 'orisha' e 'vodun'". *Anais da 2ª Reunião de Antropologia*, Bahia, julho de 1955. Publicado sob os auspícios da Reitoria da Universidade da Bahia. Bahia, Sociedades Artes Gráficas, 1957, pp. 249-260. (ver 16)

- 26 “Note on the bas-reliefs in the Royal Palaces of Abomey”. *Odù, Journal of Yoruba and Related Studies*, n.º 5. (Ibadan), 1957, 28 figuras, pp. 3-13.
- 27 *Notes sur le culte des orisha et vodoun, à Bahia, la Baie de Tous les Saints au Brésil, et à l’ancienne Côte des Esclaves*. Prefácio de T. Monod. Dakar, IFAN, 1957, 159 fotos, 609 p.
- 28 “Notes on some documents in which Lagos is referred by the name of ‘onim’ and which mention relations between Onim and Brazil”. *Journal of the Historical Society of Nigeria*, vol. 1, n.º 4. (Ibadan), 1959, pp. 343-350.
- 29 Pierre Verger, Roger Bastide. “Le réseau des marchés nago (Dahomey)”. Comunicação apresentada no Institute of Sociological and Economical Researches da Universidade Ibadan, 1958, revista e transformada em: “Contribution à l’étude sociologique des marchés nago au Bas-Dahomey”. *Les Cahiers de l’Institut de Science Economique Appliquée*, n.º 95. (Paris), 1959, 3 figuras, pp. 33-65.
- 30 *Cuba*. Introdução de Lydia Cabrera. Paris, Paul Hartmann, 1959, 196 fotos, 144p.
- 31 “Nigeria, Brésil et Cuba”. *Nigeria Magazine. Le Nigeria Indépendant*. (Lagos), 1962, 14 fotos, 125-135.
- 32 “Bahia and the West Coast trade, 1549-1851”. Conferência pronunciada no Institute of African Studies, Universidade de Ibadan, em 1962. Texto revisto e aumentado, publicado pela Ibadan University Press, 1962, 39p.
- 33 “Rôle joué par le tabac de Bahia dans la traite des esclaves au Golfe du Bénin”. *Cahiers d’Études Africaines*, n.º 15. (Paris), 1963, pp. 349-369. (Ver 45)
- 34 “The role of trance in yoruba worship”. Comunicação apresentada no Seminário sobre Yoruba Culture, do Extra-Mural Department em Ibadan, revista e publicada como: “Trance states in orisha workshop”. *Odù, Journal of Yoruba and Related Studies*, vol. 9. (Ibadan), 1963, pp. 13-20.
- 35 “Le fort portugais de Ouidah” (1ª. parte). *Études Dahoméennes*, n.º 4, (Nouvelle Série). (Porto Novo), 1965, pp. 5-50.
- 36 “Le fort portugais de Ouidah” (2ª. parte). *Études Dahoméennes*, n.º 5, (Nouvelle Série). (Porto Novo), 1965, pp. 5-50.
- 37 “Les religions traditionnelles africaines sont-elles compatibles avec les formes actuelles de l’existence?”. Texto apresentado nos *Rencontres Internationales de Bouaké “Les religions traditionnelles”*, 1962, revisto e publicado in: *Les religions traditionnelles*. Paris, Seuil, 1965, pp. 97-118.

- 38 “Grandeur et décadence du culte de *Iyámi Òsòròngà* (ma mère la sorcière) chez les yorouba”. *Journal des Africanistes*, vol. XXXV. (Paris), 1965, pp. 141-243. (Com disco).
- 39 “Oriki et Mlenmlen”. In: G. Dieterlen (org.) *Textes sacrés d’Afrique Noire*. Paris, Gallimard, 1965, pp. 239-256.
- 40 “The yoruba High God, a review of the sources”. *Odù, University of Ife Journal of African Studies*, vol. 2, n° 2. (Ibadan), 1966, pp. 19-40.
- 41 “Le fort portugais de Ouidah” (3^a. parte). *Études Dahoméennes*, n.° 6/7, (Nouvelle Série). (Porto Novo), 1966, pp. 5-45.
- 42 “L’art africain hors d’Afrique”/ “African Art outside Africa”. In: *Premier Festival des Arts Nègres*. Dakar, 1966, pp. 48-51.
- 43 “Relations commerciales et culturelles entre le Brésil et le Golfe du Bénin”. *Congrès International des Américanistes*. Buenos Aires, 1966; publicado no *Journal de la Société des Américanistes*, vol. LVIII. Paris, CNRS, 1966, pp. 31-56.
- 44 “Retour des brésiliens au Golfe du Bénin au XIX siècle”. Colloque sur les relations culturelles Afro-Amérique Latine. Porto Novo, 1966; publicado em *Études Dahoméennes*, n.° 8, (Nouvelle Série). (Porto Novo), 1966, pp. 5-28.
- 45 *Fumo da Bahia e o tráfico dos escravos do Golfo de Benin*. Salvador, Universidade da Bahia, Centro de Estudos Afro-Orientais, 1966, 24p. (Ver 33)
- 46 *Le Fort St. Jean-Baptiste d’Ajuda, 1721-1961*. (vol. 1). Porto Novo, Mémoire de l’Institut de Recherches Appliquées du Dahomey, 1966, 192p.
- 47 *Awon ewé Osanyin. Yoruba medicinal leaves*. Ifé, Institut of African Studies, University of Ifè, 1967, 72 p.
- 48 “The poetry of Yoruba leaves”. *Black Orpheus*, vol. 21. (Ibadan), 1967, pp. 4-6.
- 49 *Flux et reflux de la traite des esclaves entre le Golfe du Bénin et Bahia de Todos os Santos, du dix-septième au dix-neuvième siècle*. Paris, Mouton, 1968, 720p. (Ver 66 e 95)
- 50 “L’esclavage a Bahia au XIX siècle”. *Cahiers des Amériques Latines*, vol. 2. (Paris), 1968, pp. 73-129.
- 51 “La société *egbé òrun* des *àbikú*, les enfants qui naissent pour mourir maintes fois”. *Bulletin de l’IFAN*, vol. XXX, Série B, n.° 4. (Dakar), 1968, pp. 1448-1487. (Ver 85)
- 52 “Mouvements de navires entre Bahia et le Golfe du Bénin (XVII-XIX siècle)”. *Revue Française d’Histoire d’Ouvre-Mer*, vol. LV, n.° 198. (Paris), 1968, pp. 5-36.

- 53 “Les côtes d’Afrique Occidentale entre Rio Volta et Rio Lagos (1535-1773)”. *Journal de la Société des Africanistes*, Museu de l’Homme, vol. XXXIX, n.º VIII. (Paris), 1968, 20 mapas, pp. 35-57.
- 54 Pierre Verger, Clément da Cruz, “Musée Historique de Ouidah”. *Études Dahoméennes*, vol. 13. IRAD. (Porto Novo), 1969, 29 fotos, pp. 6-26. (Obs.: Também como Guia de Museu).
- 55 “Formação de uma sociedade brasileira no Golfo do Benin no século XIX”. *Centre des Hautes Études Afro-Ibero-Américaines*, vol. 10. (Dakar), 1969, 65p. (Obs.: Edição em 3 línguas em 3 volumes separados; também em francês (70p.) e espanhol (90p.))
- 56 “Relations commerciales et culturelles entre le Brésil et le Golfe du Bénin”. *Journal de la Société des Americanistes - CNRS*, n.º LXVIII. (Paris), 1969, pp. 31-56.
- 57 “Trance and convention in nagô-yoruba spirit mediumship”. In: John Beattie, John Middleton (orgs.), *Spirit mediumship and society in Africa*. London, 1969, pp. 50-68.
- 58 “Échanges de cadeaux entre rois d’Abomey et souverains européens aux dix-huitième et dix-neuvième siècle”. *Bulletin de l’IFAN*, vol. XXXII, Série B. n.º 3. (Dakar), 1970, pp. 741-754.
- 59 “Notion de personne et lignée familiale chez les yoruba”. Comunicação apresentada na Conferência sobre *La Notion de Personne en Afrique Noire*, revista e resumida em *La notion de personne en Afrique Noire*. Colloques Internationaux du CNRS, vol. 544. Paris, 1971, pp. 61-71.
- 60 “Raisons de la survie des religions africaines au Brésil”. Comunicação apresentada no Colóquio “Les religions africaines comme source de valeur de civilisation”. Cotonou, 1970; publicado in: *Présence africaine*. Paris. 1972, pp. 172-185.
- 61 “América Latina en África”. Comunicação apresentada no Colóquio África en América Latina. Paris. Unesco. 1972; publicado in: *Africa en América Latina*. M. M. Fragnal (relator), UNESCO. Madri, Siglo, 1977. pp. 363-377. (ver 88)
- 62 “Automatisme verbal et communication du savoir chez les yoruba”. *L’Homme-Revue Française d’Anthropologie*, vol. XII, n.º 2. (Paris), 1972, pp. 5-46.
- 63 “Orixá”. *Enciclopédia Mirador Internacional*. Britânica do Brasil, São Paulo, 1974, 21 fotos, colunas 8331-8337.
- 64 “Processions et carnaval au Brésil”. In: *L’autre et l’ailleurs*. Paris, 1976, pp. 333-343. (Homenagem a Roger Bastide). (Ver 73).
- 65 “Jean-Baptiste Douville, naturaliste calomnié ou imposteur démasqué”. *Afro-Ásia*, vol. 12. (Salvador).1976, pp. 91-108. (Ver 100).

- 66 *Trade relations between the Bight of Benin and Bahia from the 17th-19th centuries*. Ibadan, Ibadan University Press, 1976, 41 fotos, 829p. (Ver 49 e 95).
- 67 “African religions and the valorization of the Brazilian of African descent”. *Seminar Series*, vol. 1, n.º 1, parte 1. University of Ifè, 1976/77, pp. 217-241.
- 68 “The use of plants in Yoruba traditional medicine and its linguistic approach”. *Seminar Series*, vol. 1, n.º 1, parte 1. University of Ifè, 1976/77, pp. 242-297.
- 69 “Poisone (oro) and antidotes (ero). *Seminar Series*, vol. 1, n.º 1, parte 1. University of Ifè, 1976/77, pp. 298-353.
- 70 “Africa: cultural survivals in the New World: the examples of Brazil and Cuba”. *Tarikh*, vol. 5, n.º 4. (Lagos), 1978, 12 fotos, pp. 79-91.
- 71 “Orixás da Bahia”. In: Carybé. *Iconografia dos deuses africanos no Candomblé da Bahia*. São Paulo, Fundação Cultural do Estado da Bahia; Instituto Nacional do Livro; UFba; 1980, s. p.
- 72 *Retratos da Bahia*. Prefácio de Jorge Amado e Carybé. Salvador, Corrupio, 1980, 259 fotos, s. p.
- 73 “Procissões e carnaval no Brasil”. *CEAO, Ensaio n.º 5*. Salvador, 1980, 15p. (Ver 64).
- 74 “Yoruba tales from Brazil”. Introdução Willfried Feuser. *Kiabàrà*, Journal of the Humanities, University Port Harcourt, Harmattan, 1980, pp. 139-158.
- 75 Roger Bastide, Pierre Verger. “Contribuição ao estudo da adivinhação no Salvador (Bahia)”. In: C. E. Marcondes de Moura (org.), *Olóòrìsà - Escritos sobre a religião dos orixás*. São Paulo, Agora, 1981, pp. 57-85. (Ver 12).
- 76 *Oxossi, o caçador*. Salvador, Corrupio, 1981. 28 ilustrações de Enéas Guerra Sampaio, s.p.
- 77 “Bori, primeira cerimônia de iniciação ao culto dos òrìsà nàgò na Bahia, Brasil”. In: C. E. Marcondes de Moura (org.), *Olóòrìsà - escritos sobre a religião dos orixás*. São Paulo, Agora, 1981, pp. 33-55. (Ver 20).
- 78 “Yoruba. Mythes et religion et leurs prolongements afro-américains”. In: *Dictionnaire des mythologies*, vol. 2. Paris, Flammarion, 1981, pp. 544-553.
- 79 *Orixás, os deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador, Corrupio, 1981. 259 fotos, 295p. (Ver 82).
- 80 *Lendas dos orixás*. Salvador, Corrupio, 1981. Ilustrações de Enéas Guerra Sampaio. 76p; publicação também em francês: *Légendes des orichas*. Salvador, Corrupio, 1981, ilustrações de Enéas Guerra Sampaio, 78p.
- 81 *Notícias da Bahia – 1850*. Salvador, Corrupio, 1981. 238p.
- 82 *Orichas, les dieux yorouba en Afrique et au Nouveau Monde*. Paris, A. Métailié, 1982, 259 fotos, 295p. (Ver 79).

- 83 *50 anos de fotografia*. Salvador, Corrupio, 1982, 251 fotos. 258 p.
- 84 “Etnografia religiosa iorubá e probidade científica”. *Religião e Sociedade*, vol. 8. (Rio de Janeiro), 1982, pp. 3-10.
- 85 “A sociedade Egbe Orun dos Abiku, as crianças que nascem para morrer várias vezes”. *Afro-Ásia*, vol. 14. (Salvador), 1983, pp. 138-160. (Ver 51).
- 86 “Les nouveaux brésiliens dans le Golfe du Bénin: un métissage culturel et biologique”. In: *Les apports culturels des noirs de la diaspora à l’Afrique*, Colloque Unesco Cultures Africaines. Cotonou, 1983, pp. 309-337.
- 87 “Syncretisme”. *Recherche Pédagogique et Culture*, vol. 64. (Paris), 1983, pp. 40-45.
- 88 “L’Amérique Latine en Afrique”. In: *L’Afrique en Amérique Latine*. M. M. Fragnals (relator), Paris, UNESCO, 1984, pp. 305-315. (ver 61)
- 89 “Um estudo sobre as divindades iorubá, fon, banto com os lugares de culto no Brasil e, em paralelo, os nomes das divindades correspondentes em África e a sua localização”. Comunicação apresentada em colóquio e publicada in: *As sobrevivências das tradições religiosas africanas nas Caraíbas e na América Latina*, (vol. CC-86/WS/37). UNESCO, 1985, pp. 292-308.
- 90 “A contribuição especial das mulheres ao Candomblé do Brasil”. Comunicação apresentada em colóquio e publicada in: *As sobrevivências das tradições religiosas africanas nas Caraíbas e na América Latina*. (vol. CC-86/WS/37). UNESCO, 1985, pp. 273-290.
- 91 “Tranquillizer und Stimulanzien in der Behandlung durch Pflanzen bei den Yoruba”. (Tradutor: Helmut Ross). *Schreibheft*, n.º 25. (Essen), 1985, pp. 164-170.
- 92 Pierre Verger, Carybé. *Lendas africanas dos orixás*. Salvador, Corrupio, 1985, 91p.
- 93 “Transe de possession religieuse chez les yoruba et les fons da Nigéria et de la République du Bénin et chez leurs descendants au Nouveau Monde” Comunicação apresentada no *Deuxième Rencontres internationales sur la fête et la communication*, publicada in: *Transe, chamanisme, possession*. Nice, CNRS, 1986, pp. 235-243. (Obs.: O volume inclui transcrição de debate com a participação de Verger, pp. 219-233.)
- 94 “Africains du Brésil, brésiliens d’Afrique”. *Balafon*, n.º 84. (Paris), 1987, 8 fotos, pp. 22-28.
- 95 *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos; dos séculos XVII a XIX*. São Paulo. Corrupio, 1987, 718p. (Ver 49 e 66).

- 96 “El Brasil africano”. *El Paseante*, vol. 11. (Madri), 1988, 10 fotos, pp. 137-145.
- 97 “África Negra”. In: *África Negra*. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Prefeitura Municipal de Salvador – Fundação Gregório de Mattos. 1988, pp. 11-16. (Catálogo de exposição 11/05 a 26/06/88).
- 98 *Dílógún - Brazilian tales of divination, discovered in Bahia*. Ibadan, Centre for Black and African Arts and Civilization, 1989, 199p.
- 99 *Centro Histórico de Salvador*. Salvador, Corrupio, 1989, 160 fotografias.
- 100 “Jean-Baptiste Douville, naturaliste calomnié ou imposteur démasqué”. In: *Pour Jean Malaurie – 102 témoignages en hommage à quarante ans d’études arctiques*. (org. Sylvie Devers). Paris, Plon. 1990, pp. 481-493. (Ver 65).
- 101 “Ogun Igbo-Igbo”. *Bric a Brac IV*. (Brasília), 1990, pp. 83- 90.
- 102 “Uma rainha africana em São Luís”. *Revista da USP*, junho/agosto, vol. 6. (São Paulo), 1990, pp. 151-158.
- 103 “Souvenirs de reportage. *Paris Soir*, 1934-1935”. In: *50 ans de photographie de presse*. Bibliotheque Historique de la Ville de Paris, Paris, 1990, pp. 21-27.
- 104 Ming Anthony, Pierre Verger. “*Gun*: plantes a action tonifiante et stimulante chez les yoruba en Afrique et au Brésil”. *1^{er} Colloque Européen d’Ethnopharmacologie. Ethnopharmacologie: sources, méthodes, objectifs*. 1991, pp. 452-453.
- 105 “Trente ans d’amitié avec Alfred Métraux, mon presque jumeau”. Comunicação apresentada no Colloque sur Alfred Métraux, realizado em Paris, em 1990, revista in: *Présence d’Alfred Métraux*. Paris, 1992, pp.173-191.
- 106 “Influências África-Brasil e Brasil-África”. In: *Os herdeiros da noite. Fragmentos do imaginário negro*. (Catálogo de Exposição, São Paulo, Pinacoteca, curador: Emanuel Araújo). Belo Horizonte, Centro de Cultura, Ministério da Cultura. 1992, pp.68-73.
- 107 *Artigos (A feiticeira, Mulher e candomblé, Mercados nagôs no Benin)*. Salvador, Corrupio, 1992, 165p.
- 108 *Os Libertos. Sete caminhos na liberdade de escravos da Bahia no séc.XIX*. Salvador, Corrupio. 1992, 141p.
- 109 *Ponto de vista*. Salvador, Corrupio, 1992. Álbum com 22 fotografias.
- 110 *Le messenger, the go-between. Photographies 1932-1962*. Paris, Revue Noire. 1993, 240p.
- 111 *Le pied à l’étrier - Correspondance échangée entre A. Métraux et Pierre Verger*. Jean-Pierre Le Boulter (org.), Paris, J. M. Place, 1993, 309p.

- 112 “As múltiplas atividades de Roger Bastide na África (1958)”. *Revista da USP*, n.º 18. (São Paulo), jun.-ago. 1993, pp. 30-39. (Ver 116).
- 113 “Métissage au Brésil”. *Études Littéraires*, vol. 25. Montreal, Université Laval, 1993, pp. 121-125.
- 114 “Grandeza e decadência do culto de Ìyàmi Òsòròngà (minha mãe feiticeira)”. In: C. E. Marcondes de Moura (org.), *As senhoras do pássaro da noite*. São Paulo, Axis Mundi, 1994, pp. 13-71. (ver 124).
- 115 “La litho de mon père ou quelques souvenirs sur Léopold Verger et les Établissements L.V. et Co. (1880-1925 env.)”. *Le vieux papier - Bulletin de la Société Archéologique, Historique et Artistique*. (Paris), 1994, pp. 476-479.
- 116 “Les multiples activités de Roger Bastide en Afrique (1958)”, comunicação apresentada no Colloque sur Roger Bastide, realizado em Paris em 1992, revista in: *Roger Bastide ou le réjouissement de l’abîme*. Philippe Tolra (org.), Paris, L’Harmattan, 1994, pp. 43-54. (ver 112)
- 117 *Découvertes - photographies 1936. La Guadeloupe des années trente*. Museu Municipal Saint-John Perse, 1995, 76p.
- 118 *Ewé. O uso das plantas na sociedade iorubá*. Prefácio de Jorge Amado. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 762p; lançado ao mesmo tempo em inglês: *Ewé: the use of plants in Yoruba society*. Prefácio de Jorge Amado. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 744p. (Ver 127)
- 119 “Del papel de las plantas psicoativas durante la iniciación a ciertas religiones africanas”. *Takiwasi*, vol. 3. (Tarapoto), 1995, pp. 80-87.
- 120 “Influências África-Brasil e Brasil-África”. In: *Os herdeiros da noite. Fragmentos do imaginário negro*. São Paulo, Pinacoteca, 1995, pp. 70-75.
- 121 Pierre Verger. Ming Anthony, Angela Lühning. “A la recherche des plantes perdues, les plantes retrouvées par les descendants culturels des yoruba au Brésil”. *Revue d’Ethnolinguistique, Cahiers du Lacito*, vol. 7. (Paris), 1995, pp. 113-140.
- 122 “Algumas datas na vida de Pierre Verger”. *Alteridades*, ano II, n.º 2, Salvador. Mestrado em Sociologia. UFBA, abril-set., 1995, pp.103-124.
- 123 Pierre Verger. Ming Anthony. “Ìsòyè: médicaments de la mémoire chez les yoruba en Afrique et au Brésil”. In: *Medicaments e aliments, approche Ethnopharmacologique*. Paris, ORSTOM, 1996, pp. 174-177.
- 124 Grandeza e decadenza del culto di Ìámi Òsòròngà (mia madre la strega). In: *Religione e magia. Culti di possessione in Brasile*. Luisa Faldini Pizzorno, (org.), Torino. UTET, 1997, pp. 1-65. (Ver 114).

- 125 Pierre Verger, Ming Anthony. "Le corps mystique dans la tradition yoruba: *Sànpónná* et la peau". In: *Usages culturels du corps*. Isabelle Bianquis, David Le Breton. Colette Méchin (orgs.), Paris, L'Harmattan, 1997, pp.13-39.
- 126 Pierre Verger, Ming Anthony. "*Sànpònná*, god of variola and his remedies in the tradition Yorubá". In: *Healing, yesterday and today, tomorrow?* 3^{ème} Congrès Européen d'Ethnopharmacologie, Gêne, Italie, 29 mai-2 june 1996, CD Rom Mediateca di Etnomedicina, Erga multimedia, 1997, 5p.
- 127 *Ewé. Le verbe et le pouvoir des plantes chez les yorùbá (Nigeria - Benin)*. Préfacies de Theodore Monod e Jorge Amado. Paris. Maisonneuve & Larousse, 1997, 730 p. (ver 118).
- 128 Notas sobre o culto dos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999, 615 p.

Filmes e vídeos:

Trances de possession religieuse au Dahomey. Filme de 16 mm, baseado no filme *Les molécules sacrées* (não editado), com a colaboração de Jean Lallier e Monique Tosello, 1972.

Brésiliens d'Afrique et africains du Brésil. Filme de 3 horas, colaboração de Yannick Bellon, realização pelo ORTF, 1975.

Carnaval no Brasil nos anos 40. Vídeo, Nice/ São Paulo, 1984, 10 min.

A-tun Padê. Filme formato U-MATIC, Sistema PAL-M, 42 min. Realização Corrupio Vídeo, 1990.